

Boletim Formação em Psicanálise

ENCONTRO COM O TEXTO DE LACAN

Ano XVII • Vol. XVII • nº 1
Janeiro/Dezembro 2009

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE



INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Departamento Formação em Psicanálise

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO GERAL, GESTÃO 2009/2010

Maria Cristina Perdomo (coordenadora), Maria Tereza Scandell Rocco (primeira secretária), Arlete Scodelário (segunda secretária), António Sérgio Gonçalves (primeiro tesoureiro), Ésio dos Reis Filho (segundo tesoureiro)

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Margarida Azevedo Dupas (coordenadora)
Lineu Matos Silveira (suplente)

REVISTA BOLETIM FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

EDITOR: José Carlos Garcia

COMISSÃO EDITORIAL

Antonio Geraldo de Abreu Filho, Cristiana Soldano, José Carlos Garcia, Lineu Matos Silveira, Lucianne Sant'Anna de Menezes, Margarida Azevedo Dupas, Maria Helena Saleme, Talita Minervino, Tatiana Russo França, Vera Warchavchik

CONSELHO EDITORIAL

Cassandra Pereira França (Universidade Federal de Minas Gerais), Claudia Paula Leicand (Instituto Sedes Sapientiae), Durval Mazzei Nogueira Filho (Instituto Sedes Sapientiae, GREA/IPQ - Instituto de Psiquiatria da USP, Ede de Oliveira (Instituto Sedes Sapientiae, EBEP - Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), Eliane Micheline Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae), Emir Tomazelli (Instituto Sedes Sapientiae), Flávio Carvalho Ferraz (Instituto Sedes Sapientiae), Francisca Isabel Teixeira (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), José Carlos Garcia (Instituto Sedes Sapientiae) José F. Miguel H. Bairrão (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto), Lineu Matos Silveira (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Beatriz Romano de Godoy (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Maria Lúcia Castilho Romera (Universidade Federal de Uberlândia) Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (Instituto Sedes Sapientiae), Marly T. M. Goulart (Instituto Sedes Sapientiae), Nora de Miguelez (Instituto Sedes Sapientiae), Sonia Maria Parente (Instituto Sedes Sapientiae, UNIB - Universidade Ibirapuera) Suzana Alves Viana (Instituto Sedes Sapientiae)

GRUPO DE ENTREVISTAS: Maria Helena Saleme (coordenadora), Cleire Faleiros Salles, Sylvia Loeb

GRUPO DE RESENHAS: Vera Warchavchik (coordenadora), Ana Tereza de Almeida Allonso, Flavia Schimith Escrivão, Marina Fibe De Cicco, Mônica Salgado

GRUPO DE REVISÃO DE TRADUÇÃO: Tatiana Russo França (coordenadora), Deise Galassi, Patrícia Cypriano Seixas, Cláudia Beltran do Valle

REVISÃO PORTUGUÊS: Stella Regina Azevedo Alves dos Anjos

DIAGRAMAÇÃO: Wellington Carlos Leardini

PROJETO GRÁFICO: Silvia Massaro

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Marcos Daniel Cézari: MTPS - 11.193

Jornal Acto-Falho - www.sedes.org.br/Departamento/Formacao_Psicanalise/menu_acto.htm

Oficina de textos: Deise Galassi, Tatiana Russo França, Lineu Matos Silveira (assessor)

Impressão e acabamento: Intergraf | www.intergraf.com.br



INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Rua Ministro Godoy, 1484

05015-900, São Paulo, SP

(11) 3866 2730 / 3866 2734

www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

Boletim Formação em Psicanálise

ENCONTRO COM O TEXTO DE LACAN

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

ISSN 1517-4506

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

20 OUT 2009

TOMBO Nº 3895

EX. 2.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP) Instituto
Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae,
Departamento Formação em Psicanálise. - Vol. 1, no. 1 (maio/jun.
1992) - . São Paulo: O Departamento, 1992-

Ano XVII, v.17, (jan./dez. 2009)

Anual

Periodicidade bianual de 1992 a 1994; anual a partir desta data.

ISSN 1517-4506

1. Psicanálise - Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departa-
mento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)

EDITORIAL

É com satisfação que a comissão editorial da revista *Boletim Formação em Psicanálise* lança mais um número temático, desta vez intitulado: "Encontro com o texto de Lacan". Trata-se, na sua totalidade, de textos produzidos pelo Núcleo de Estudos Lacanianos do Departamento Formação em Psicanálise, que congrega pessoas com interesse em conhecer e interagir criticamente com os trabalhos de Lacan. Em 2008, ano de sua fundação, o Núcleo realizou seu primeiro encontro para apresentação dos trabalhos desenvolvidos e o resultado foi bastante interessante e acabou motivando os artigos que agora são apresentados nesta publicação.

O objetivo deste número temático foi o de apresentar os efeitos produzidos nos autores pelo encontro com o texto de Lacan, portanto, não se trata necessariamente de trabalhos de adeptos da teoria lacanianiana. Podemos, inclusive, verificar a frutífera presença de posições críticas afastando assim a idéia de uma adesividade fácil às posições teóricas deste consagrado autor.

Os artigos tratam de temas interessantes, explorando desde a questão das entrevistas preliminares até a fundamental diferenciação entre o eu e o sujeito do inconsciente a partir de recortes bastante pessoais dos autores. No percurso dos temas tratados vemos insinuar-se a questão de crucial importância para o pensamento lacanianiano que é a diferenciação dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário.

Podemos ainda ter a ocasião de acompanhar o desenvolvimento de uma importante discussão para a clínica contemporânea, qual seja a questão das patologias que escapam ou tornam difícil seu enquadramento dentro das três estruturas propostas por Lacan. Estamos no terreno do que foi chamado de *psicoses ordinárias*, assunto de extrema atualidade para todos que praticam a clínica psicanalítica.

Ainda nesse número temos a satisfação de apresentar uma entrevista com o Prof. Dr. Vladimir Safatle (USP).

A partir dessa edição inauguramos um novo projeto visual.

SUMÁRIO

ARTIGOS

O Eu é tudo o que se tem
The ego is all we have
José Carlos Garcia 07

Algumas reflexões sobre a técnica lacaniana
Some reflexions about the lacanian technique
Marina Fibe De Cicco 17

A função das entrevistas preliminares na abordagem lacaniana
The function of preliminary interviews in the lacanian approach
Flavia Schimith Escrivão 27

No espelho com Lacan
In the mirror with Lacan
Cristiana Catalano Soldano 37

Sobre a distinção entre o eu e o sujeito do inconsciente em Lacan
About the distinction between the ego and the unconscious subject in Lacan
Marta Quaglia Cerruti 47

Sobre a psicose ordinária
About the ordinary psychosis
Durval Mazzei Nogueira Filho 59

ENTREVISTA

Vladimir Pinheiro Safatle
Maria Helena Saleme
Vera Warchavchik 77

RESENHAS

A normopatia na formação do analista
The normopathy in the psychoanalyst's training
Maria Helena Saleme
Marina Fibe De Cicco 93

Complexo de Édipo: Novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens <i>Oedipus Complex: new psychopathologies, new women, new men</i> Nora Beatriz Susmansky de Miguez <i>Mônica Salgado Ferreira</i>	97
Contos do divã <i>Stories from the couch</i> Silvia Loeb <i>Nora Beatriz Susmansky de Miguez</i>	101
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	103

O Eu é tudo o que se tem

José Carlos Garcia

Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica (IP/USP), professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: Este trabalho trata, fundamentalmente, da questão do *eu* e de sua constituição. Aborda o *eu* a partir de sua origem imaginária na medida em que esta se sustenta na relação com o semelhante a partir do poderoso investimento narcísico do Outro. Trato também das relações entre o *eu* (*moi*) e o sujeito do inconsciente (*je*) e de como esta relação está presente durante o tratamento analítico.

Palavras-chave: Eu, sujeito, significante, simbólico e imaginário

Que o peso da frase não nos iluda quanto a aceitarmos os fáceis limites das conclusões que rapidamente se precipitam dos enunciados. Que alguém diga isto, já faz revelar um efeito muito particular daquele que se reconhece no enunciado. Que o *eu* seja um grande ilusionista a engendrar e tecer uma trama que procure deter a angústia, disto já há muito sabemos. Mas, afinal, o que nos resta além desta mentirosa síntese?

Este *eu*, alienado no desejo daqueles que lhe sopraram vida ou pelo menos a sustentaram, irá recortar do espelho de seu semelhante o envoltório de sua própria ilusão; pele imaginária a ser preenchida com a frágil argamassa da memória. Isto permitirá que o *eu* o ame e o odeie ainda que o *eu* nunca, de fato, o encontre.

Que o *eu* se lembre num enredo de equívocos, pouco importa já que se lembra. Lembra-se e se lembra. Interessante afirmação, pois explicita, nessa cisão inevitável, a marca de sua constituição.

Cada um de nós está sustentado na memória de cada pequeno detalhe costurado pela torpeza de uma consistência sedutora e, por isso mesmo, enganosa. Quando olhamos para nós mesmos temos uma clara sensação de que o *eu* sempre esteve presente, sempre foi o mesmo; acrescentando-se, mas o mesmo.

Qualquer momento de nossas vidas que resgatemos pronto, lá está ele reconhecido com esta marca de indescritível familiaridade. O futuro que imaginamos não passa de outro momento onde projetamos o *eu*; melhor ou pior, dependerá de nossa consistência interna.

Muito daquilo que chamamos ou pelo menos reconhecemos como normalidade extrai seu parâmetro da sensação de bem-estar que experimentamos devido a esta consistência interna. E quando me refiro a isto não estou pensando apenas nas imagens e idéias que nos povoam, refiro-me também a cada pequeno indício que se inscreveu em nosso corpo desde o toque carinhoso da mãe amorosa até a mais hedionda cicatriz.

Se o *eu* é memória, que minta ou não tanto faz! O essencial é que fala. Falar é consentir-se vivo! Conta e esconde o que a linguagem lhe permite recortar da sombra do inominado por este estreito facho de luz que tenta iluminar o negrume maciço do real.

Sentado à margem de um rio de águas turvas lança nelas o anzol com sua sedutora isca e espera que algo, como um peixe, da surpresa se anuncie. E isto o alegra e entristece, deixa-o esperançoso e frustra-o, faz com que o *eu* sonhe e o desperta para o mais profundo sentimento de solidão.

Sabe, afinal, pelo reiterado do acontecimento, que nenhum peixe retirado da corrente do rio poderá, jamais, preenchê-lo com a última refeição; aquela que aplacaria sua ânsia de continuar buscando. Mas, que o *eu* possa

pesca, isto é tudo o que se tem. O *eu* pesca, logo, ainda deseja. Pesca até que um peixe de medonha boca venha a devorá-lo sem nenhum desejo.

Isto pode soar como um destino funesto, mas é o melhor dos mundos que se pode habitar. É exatamente no fracasso deste ensejo que nos parece interessante discutir a questão da estrutura psicótica como um dos destinos da condição humana. Antes, porém, quero, de forma breve, discutir alguns elementos da constituição do *eu*.

Na sustentação desta engenharia do *eu* está a onipotência do Outro com seu poder de ofertar o significante pela trilha do desejo e imobilizar o futuro sujeito num lugar de projeção imaginária forjado pelo narcisismo daquela ou daqueles que vêem encarnar o Outro. Lacan (1998/1960, p.822) nos diz:

Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e vocês terão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu.

O poder do desejo dos pais irá capturar o recém concebido embrião numa trama de linguagem que guardará ou não um lugar de sujeito para o mesmo, dependendo do arranjo estrutural que lhe proverá o efeito da castração simbólica nos pais. Sobre a crua carne do embrião se assentará a projeção do *ideal de eu* tramado no narcisismo dos pais. E sem esse crédito inaugural só restará como destino ao infeliz espoliado uma vida de penúria e desatino psicóticos.

Neste corpo edificado pelo erotismo dos pais ver-se-á inscreverem-se as marcas libidinais que sustentarão as amarras do *eu* o que lhe permitirá seguir adiante até seu encontro estruturante e ao mesmo tempo alienante

com a imagem ortopédica de seu outro semelhante como nos mostrou Lacan (1949) no Estádio do espelho.

O gume libidinal desta especularidade lhe oferece uma identificação primária, mas insinua nas bordas deste recorte, o gume mortífero daquilo que mal coincide com a imagem de si por conta da presença paranóica do outro. Tal qual Narciso que siderado pela paixão frente a sua própria imagem mal percebe o risco fatal de ser tragado pelas águas que o espelham.

A este *eu* (moi) pleno de saturação imaginária e produtor contumaz de circunscrições sintéticas é que nos agarramos para poder experimentar um arremedo de trama que nos insufla uma calorosa sensação de consistência e familiaridade. Se aqui tratamos de uma alienação, será de algo muito diferente que precisaremos dar conta para compreender o que acontece na determinação da estrutura psicótica.

Para discutirmos isto haveremos de retomar um fracasso promovido já na urdidura do desejo dos pais que, marcados pela inoperância da castração simbólica, não foram capazes de designar àquele que geraram um lugar de sujeito desejante. Piera Aulagnier (1963) descreve este fracasso como uma falha na constituição do *corpo imaginado*; que seria construído pela mãe (Outro) na medida em que projetasse sua libido e com isto seu *ideal de eu* sobre o corpo real do embrião o que lhe permitiria transformar-se, num dado momento, em *eu ideal*. O resultado é o que Aulagnier chama de *corpo fantasmado*, corpo onde operou uma castração maciça que o priva de todo o investimento libidinal deixando-lhe ocupar apenas um lugar de pouco mais que um anexo do corpo materno.

A decorrência direta deste acontecimento será a total impossibilidade de que se constitua para este sujeito uma identificação primária a partir de seu encontro com o semelhante. No espelho ele verá apenas o resultado da castração real operada em seu corpo, numa bizarra fusão com o Outro a quem estará condenado a fazer gozar indefinidamente já que a castração simbólica não lhe restringiu o gozo.

A conclusão que se nos impõe é a de que a impossibilidade de o discurso materno ser portador da interdição representada pelo valor atribuído à palavra do pai terá participação importante no destino daquele a quem chamamos psicótico, já que será exatamente a não incidência da castração simbólica o que permitirá as consequências que acabamos de esboçar. Em outras palavras, quando o desejo da mãe não está submetido ao desejo do outro (o pai em sua atribuição simbólica) não há para a criança a condição necessária para escrever sua história no Édipo.

Lacan utilizou para designar este nefasto acontecimento que impede ao sujeito o desfrute de relações simbólicas e a consequente entrada no campo da sexuação de *forclusão* do Nome-do-Pai. Segundo Lacan (1958), no Seminário V sobre as "Formações do inconsciente", o que permite ao sujeito escapar da fusionalidade com o Outro é um efeito de substituição significante, uma metáfora. Mais especificamente, a metáfora do Nome-do-Pai, um significante qualquer que permite designar o pai, em sua atribuição simbólica, como aquele que tem direito sobre o desejo da mãe.

O significante do desejo materno (S1), dando lugar ao significante S2 (um significante qualquer que nomeia o pai em sua atribuição fálica) terá como consequência a inscrição do Nome-do-Pai no Outro limitando seu gozo pela extração do *objeto a* e circunscrevendo assim o gozo a sua modalidade fálica. O *objeto a*, objeto causa de desejo, permitirá que o sujeito, como sujeito de linguagem, tenha acesso a objetos (igualmente objetos de linguagem), que lhe propiciarão sua cota de prazer.

Sem a castração simbólica, o que assoma do real faz-se delírio e alucinação numa tentativa de conter o gozo que esvazia o psicótico pela condição mortífera de "fim do mundo", como explorou Freud no caso Schreber (1911). Nada mais há que se sustente vivo, a não ser que possa ser enredado por esta suplência, que o delírio tenta metaforizar na ausência do efeito estruturante da metáfora do Nome-do-Pai. O *eu* psicótico, em sua extrema fragilidade, subsiste nesta trama de linguagem que o delírio lhe

empresta e enreda-se aí como pode, tomado pela certeza de que encontrou a verdade.

Aos neuróticos, todavia, o que resta é a dúvida. Tudo é aberto, tudo é possível, nada, absolutamente nada, é seguro. A insana faina que dominará o *eu*, por toda sua precária existência, será exatamente a de prover a ilusão de que tudo está seguindo uma ordem e que tudo acabará bem. Esta é, afinal, uma marca essencial do humanismo, acreditar que ao humano está reservado um destino maior, um lugar de privilégio, herança que nos legou a visão cristã de mundo.

Na verdade, é custoso crer que consigamos permanecer um só instante sem mergulhar na mais profunda angústia frente a tamanho desamparo. Trata-se aqui daquilo que é o feito diuturno de nosso grande ilusionista em constante situação de vigilância, o *eu*. O *eu* comporta este elemento que nos permite a experiência do *si mesmo*, que nos dá, como já afirmei, esta noção de consistência e perenidade, nosso senso de identidade; esse *eu (moi)*, senhor que é do enunciado, a cada elo que agrega no que diz só faz atar-se ainda mais ao seu simulacro.

O que o trabalho de Freud ? todo ele ? fez afirmar, desde o princípio, foi que este *eu* não é mais que uma superfície, cuja extensão está implantada no pré-consciente e no consciente e que nossas motivações estão implantadas bem longe daí. Lacan (1964) nos dirá em *Posições do inconsciente* que: "A função homogênea da consciência está na captura do eu por seu próprio reflexo especular e na função de desconhecimento que lhe permanece ligada" (p.846).

Freud descentralizou o sujeito do campo da consciência e implantou-o no inconsciente mostrando que somos, exatamente ali, onde não pensamos, onde nos comanda o desejo pelo insuflar da pulsão. Com Lacan, todavia, esta cisão fundamental do sujeito estará articulada plenamente num efeito de linguagem e poderíamos dizer que para ele, dado que o inconsci-

ente é o discurso do Outro, este será o ponto máximo de ancoragem da alteridade de si mesmo.

Lacan, seguindo a Freud, enfatizou que o discurso que o analista acolhe é exatamente aquele do qual o *eu* teria imenso prazer de nos poupar; a ele e a nós: o esquecimento de nomes, as falas que se interrompem durante as sessões, os atos falhos, os chistes, etc.

O que até aqui afirmei com relação ao sujeito, como este é visto pela psicanálise, poderia, talvez com algum excesso de simplificação, ser resumido da seguinte maneira. Para Lacan (1964, p.849) "um sujeito é aquilo que significa um significante para outro significante". Isto nos coloca, novamente, a questão da metáfora do Nome-do-Pai como fundante da condição do sujeito desejante e, como vimos, é pelo efeito de sua forclusão que adentraremos ao terreno da psicose.

O sujeito surge dividido pela ordem significante na medida em que a fusionalidade do bebê com S1 (desejo da mãe) é rompida por uma substituição metafórica: onde estava S1 surge S2, nomeando o pai simbólico com seu poder de privar, interditar e frustrar a relação dual mãe-filho, promovendo assim a castração simbólica. A efetividade desta operação está calçada no fato de que o pai aparece aí também como aquele a quem a mãe dirige seu desejo, aquele que, por conseguinte, deve necessariamente ser reconhecido como doador de algo que nele a mãe procura porque lhe falta.

Neste sentido, o efeito de sujeito se promove pelo fato de que a lei do pai fará calar o Outro em sua posição inconsciente, consagrando, assim, a eficácia da repressão primária e a consequente divisão do sujeito. A partir daí, só poderemos ter notícias do Outro pelo que Freud designou como *formações do inconsciente*.

A posição de sujeito da linguagem é sustentada, portanto, pelo fato de que S2 (Nome-do-Pai) representa o sujeito para outro significante S1 (desejo da mãe). Nas palavras de Lacan (1964, p. 849):

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta.

O sujeito para a psicanálise é, portanto, um sujeito marcado por sua cisão estruturante, dividido como nomeou Lacan em sujeito da enunciação (*je*) e sujeito do enunciado (*moi*).

No vazio de um significante ao outro, aí se projeta a força propulsora do desejo por conta e causa do *objeto* a que faz, portanto, a potência desejante do sujeito do inconsciente (*je*) ensejar a condição do deslizamento metonímico do significante. Lacan (1964, p.858) nos diz:

Seja como for, é sob a incidência em que o sujeito experimenta, neste intervalo, uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido com que um discurso o solicita, que ele depara efetivamente com o desejo do Outro, antes mesmo que possa sequer chamá-lo de desejo, e muito menos imaginar seu objeto.

Para Lacan, o sujeito do desejo (*je*) não tem corporeidade, sua marca é ser evanescente, faz sua aparição numa fenda do discurso, que só se presta para marcar sua ausência no enunciado que o eu (*moi*) faz surgir a céu aberto. Por outro lado, apesar da ignorância pelo efeito da alienação que o implantou, é preciso que o *eu* se atreva a perguntar algo de si, perguntar-se, para que haja algum terreno para o sujeito que o escuta (o analista) possa estar autorizado a representá-lo desde o lugar de outro

significante. Para começar o processo de uma análise o *eu* é tudo o que se tem, é com ele que se pode negociar os lugares a serem concedidos na estrutura do discurso analítico; ainda que o *eu* não saiba o que diz!

Considero que seria bastante interessante que se tivesse sempre em conta que por mais que o analista se ofereça, na transferência, como uma espécie de espelho vazio com o intuito de permitir que o sujeito possa remeter-se ao seu desejo e mobilizar o seu próprio sentido de verdade, incorreríamos em certa ingenuidade se, como pios, admitíssemos a possibilidade de que a potência analítica pudesse nos libertar de tudo o que escapa da rede significante e persiste real.

Quero lembrar-lhes que o trabalho de Freud passou por um primeiro momento, que costumamos chamar de primeira tópica, que encerrava em seu bojo uma idéia de que seria possível levar uma análise até o ponto da plena revelação do inconsciente. Claro que há aqui um exagero óbvio, mas não é possível deixar de reconhecer que o vislumbre de uma revelação total das causas do trauma e a pretensa liberação dos travamentos inconscientes sustentava-se nesta perspectiva.

O chamado primeiro ensino de Lacan, do qual tratei mais diretamente no texto, também, de certa forma, contém uma expectativa semelhante que consistiria em fazer aproximar o sujeito do enunciado (*moi*) do sujeito do desejo ou da enunciação (*je*). Transformar a palavra equivocada ou, como preferiu Lacan, a palavra vazia do eu em palavra plena do sujeito, aquela que se formula na verdade de sua condição plena de sujeito desejante.

Freud foi levado a arquitetar algumas mudanças com relação às pulsões e a estruturação do aparelho psíquico que o conduziram à segunda tópica e, por conta disso, sua clínica, como de há muito lhe insinuava, não podia mais escapar ao fato de que há algo na análise que não se reduz ao interpretável, ou seja, ao reprimido. Há uma radicalidade da pulsão que insiste em direção ao inconsciente sem jamais ser redutível, totalmente, ao campo do representado.

Acredito que por caminho algo semelhante, o segundo ensino de Lacan trouxe cada vez mais à evidência a importância do real e sua irreducibilidade pelo simbólico, instalando assim o analista num lugar de exposição a uma condição de muito maior suscetibilidade na experiência transferencial. Esse, todavia, é um tema a ser postergado para outro momento.

The ego is all we have

Abstract: *This paper is about the ego (moi), its constitution and its imaginary origin supported by the relationship with his similar (another human) beginning with the powerful narcissistic investment from the Other. It also regards the relationship between the ego (moi) and the unconscious subject (je) and its presence in the analytical treatment.*

Keywords: *Me, unconscious subject, imaginary, symbolic and significant*

Referências

AULAGNIER, P. (1963) Observações sobre a estrutura psicótica. In: *Um intérprete em busca de sentido*, v.2. São Paulo: Escuta, 1990.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

(1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides), v. 12, p.15-108.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.

_____. (1957-1958). *O Seminário - As formações do inconsciente* - livro 5, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.

_____. (1964). Posições do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 829-864.

José Carlos Garcia

Rua João Moura, 647, 12º, cj. 121

05412-001 - São Paulo, SP

3081 7906

josecgarcia@terra.com.br

Algumas reflexões sobre a técnica lacaniana

Marina Fibe De Cicco

Psicóloga, membro
acadêmico do
Departamento Formação
em Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: O artigo apresenta alguns aspectos da técnica lacaniana, mostrando como seus fundamentos relacionam-se à noção lacaniana de eu. Enfatiza-se o perigo da superprodução de sentidos na clínica, que podem levar o analisando a restaurar suas defesas, identificando-se com as interpretações do analista e, mais do que isso, com o eu deste. Algumas contribuições de André Green servem de contraponto à radicalidade da visão lacaniana do eu e certos argumentos de Maria Rita Kehl são usados como referência para a compreensão da ética da técnica lacaniana. Finalmente, questiona-se a utilização da técnica lacaniana em casos graves, entendidos como aqueles que não se apresentam como neuroses clássicas, dadas as falhas na constituição e acesso ao símbolo, mas que não são quadros manifestos de psicose.

Palavras-chave: Ética, técnica, ego, interpretação

O presente texto pretende reunir algumas ideias a respeito da técnica lacaniana e dos pressupostos que a embasam, mostrando por que tais elementos são importantes para o ofício dos psicanalistas em geral. Dar-se-á ênfase aos perigos da superprodução de sentidos na clínica, que pode levar o paciente a identificar-se com as interpretações do analista e, mais do que isto, com o eu deste, resultando em uma diminuição da tensão

transferencial criadora e da abertura ao que sempre "resta por dizer". A partir daí, serão levantados alguns impasses relativos à utilização da técnica lacaniana no tratamento do que se chamará de "casos graves", entendidos como os casos que não se apresentam como neuroses clássicas, dadas as falhas na constituição e acesso ao símbolo, mas que não são quadros manifestos de psicose.

Os fundamentos da técnica lacaniana, como não poderia deixar de ser, estão estritamente relacionados aos princípios teóricos que os alicerçam, tais como: a distinção entre o eu e o sujeito, a diferença entre queixa e demanda de análise, as noções do inconsciente estruturado como linguagem, dos três registros - imaginário, simbólico e real - e daquilo que se entende ser o objetivo de uma análise. Sem pretender abarcar tudo o que alicerça a técnica lacaniana, nem reduzi-la ao que será apresentado, abordar-se-á alguns de seus aspectos, visando nortear a discussão que se pretende levantar.

Kehl (2007) sustenta que o manejo da transferência que se depreende da técnica lacaniana tem consequências éticas, permitindo que o analisando se aproprie do saber inconsciente que se insinua em sua fala. A autora destaca dois aspectos da técnica - o silêncio e a necessidade de frustrar a demanda de amor do analisando, da qual Freud já falava - e afirma que, na clínica lacaniana, a ideia é que o analista se cale para que o analisando trabalhe. Uma das razões por que a técnica lacaniana lhe parece a mais adequada ao que se espera de uma ética da psicanálise é que o silêncio do analista visa privilegiar a via régia do inconsciente que nos é mais acessível na sessão, qual seja, a da associação livre. Sendo a associação livre um trabalho que só pode ser conduzido pelo analisando, para que ela aconteça, quanto menos o analista interferir, melhor. Diz Kehl (2007, p. 372):

O que pode parecer aos olhos do leigo um excesso de 'frieza' manifestado pelo silêncio do analista é

consequência de uma renúncia ética, cujo objetivo é permitir que aquele que fale se aproprie gradualmente do saber inconsciente que se insinua nas brechas, nos lapsos, no sintoma e nos deslizes sem sentido da sua fala.

Kehl (2007, p. 372) também dá ênfase à importância de, através da análise, se abrir "brechas na fortaleza das certezas imaginárias com as quais o narcisismo do 'eu' se defende". Para ampliar a compreensão da contribuição lacaniana à técnica é preciso, então, ter ao menos uma noção do que Lacan pensava sobre o 'eu'.

A psicologia do Ego foi alvo de importantes críticas por parte de Lacan, pois as propostas desta abordagem se opõem, segundo o psicanalista francês, às concepções freudianas e ao que a psicanálise tinha, nas origens, de mais subversivo. Ao lutar contra a assimilação da psicanálise à psicologia geral, Lacan aponta como os idealizadores da psicologia do Ego tentaram livrar-se do incômodo produzido por Freud quando estabeleceu o "princípio do descentramento do sujeito". Para Lacan, o que Freud introduziu a partir de 1920 não foi entendido como deveria. A respeito da conceituação da segunda tópica, Lacan (1954, p. 19) afirma: "Houve uma abalada geral, verdadeira libertação dos escolares – Ah, ei-lo de volta, esse euzinho boa-praça! Ei-nos de novo norteados - Voltamos para as trilhas da psicologia geral."

Lacan (1954) ressalta que muitos ficaram contentes em poder voltar a acreditar que o eu era central. A noção de *ego autônomo* de Hartmann teria reintroduzido a realidade transcendente do ego, conferindo-lhe não só substância como independência em relação ao Id. Esta "entificação" do ego, que nos faria ainda mais seguros de sua consistência e coerência, era, para Lacan, uma regressão, fazendo crer que os indivíduos (os não-divididos) existem como tais e que alguns existiriam mais ou melhor que os ou-

tros. O autor explica: "é o que, mais ou menos implicitamente, contamina as chamadas noções do eu forte e do eu fraco, que são, cada uma delas, modos de eludir os problemas que tanto a compreensão das neuroses quanto o manejo da técnica colocam" (p. 20).

Vê-se que, para Lacan, as questões que dizem respeito à técnica analítica são indissociáveis do modo como se concebe o eu e do lugar que lhe é atribuído no psiquismo e na compreensão das neuroses. Em relação a estas questões, os analistas assumiriam diferentes posições. Por um lado, haveria os que trabalham pela coerência e centramento do eu, assegurando sua coesão narcísica através de interpretações com as quais o analisando pode se identificar e, por outro, haveria os que entendem o eu como uma miragem, tão enganosa quanto o seriam as extensas explicações plenas de sentido que o neurótico fabrica sobre si mesmo. No segundo caso se privilegiariam as manifestações do inconsciente, o qual, segundo Lacan (1954), escapa completamente ao círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu. Esta posição do analista, no entanto, não é de fácil sustentação, pois pode despertar intensa angústia no analisando, já que o eu busca sempre sínteses e totalizações imaginárias que lhe garantam coerência. Por isso Dunker (1996, p. 30) afirma que, para Lacan, o ego possui uma disposição intrinsecamente paranóica, graças à "resistência que dele emana a que simplesmente algo perca sentido. Um universo paranóico é essencialmente isso: um universo onde tudo possui sentido".

Green (2008), por outro lado, critica a radicalidade da visão lacaniana do eu. Ao mesmo tempo em que reconhece que a segunda tópica tem sido causa de grandes mal-entendidos, dando lugar a simplificações e a esquematizações prejudiciais ao pensamento psicanalítico - como o seriam as concepções da psicologia do Ego -, o autor afirma que o estudo do ego tem sofrido depois de Freud, seja porque os psicanalistas procuraram voltar a uma aceção antipsicanalítica, consonante com concepções da psicologia geral e acadêmica, seja porque "o estudo do Ego foi atingido por uma espé-

cie de proibição de pensar promulgada por Lacan, com o pretexto de não cair nas divagações precedentes" (p. 94-95). Green (2008, p. 95) declara:

A anátema pronunciada por Lacan contra a psicologia do Ego, não totalmente errada, não nos autoriza em absoluto a afastar-nos do exame do conceito de Ego, no qual as perturbações clínicas são evidentes. E não seremos gratos a Lacan por ter desencorajado qualquer estudo neste sentido. Para Lacan, como sabemos, o ego é prisioneiro das identificações imaginárias do sujeito. Esta teoria é pouco contestável. Mas será que ela é suficiente para dar conta de todas as manifestações que constatamos na clínica e que poderiam vincular-se ao Ego?

Para Green (2008, p. 96) a não-abordagem do que seriam *patologias do ego* seria um "ponto fraco da teoria lacaniana". Embora neste momento do texto Green faça referência especificamente aos casos *borderline*, ele não deixa de lembrar que, para Freud, a clínica das psicoses envolvia muito diretamente o Ego, e menciona também as neuroses narcísicas e outros tipos de casos graves que não são manifestamente de psicose.

Não se pretende, aqui, esgotar a discussão levantada, mas sim apontar sua existência e mostrar formas diferentes de se abordar questões polêmicas. Fica claro apenas que o exercício da técnica depende de uma cuidadosa avaliação a respeito da estruturação psíquica de cada analisando. De qualquer forma, os pressupostos da técnica lacaniana e dos conceitos que a embasam são valiosos, pois pensar sobre eles nos leva a rever motivações, posturas e intervenções, obrigando o analista a perguntar-se, por exemplo, de onde vêm suas interpretações. Será que às vezes suas falas não partem mais de uma atribuição de significado consciente à fala do analisando do que propriamente de uma apreensão daquilo que aparece como invariável em

seu discurso (e que se desloca de uma fala a outra)? Não estaria, então, seu paciente sendo conduzido a identificar-se com ele, analista, e com sua visão particular do que se passa entre a dupla, obstruindo-se assim a possibilidade de o analisando apropriar-se de seu próprio desejo?

A técnica lacaniana visa evitar que o analisando restaure os mecanismos de defesa através da identificação com as formulações do analista. As grandes construções feitas pelo analista para dar sentido ao sintoma correm o risco de ser entendidas como invasivas, por acabarem substituindo a fala do analisando pela fala do analista. Segundo Kehl (2007), tais construções podem até aliviar a angústia de quem, em plena associação livre, pressente a aproximação de uma representação recalcada, mas o tipo de alívio ou gratidão de quem sai da sessão menos angustiado do que entrou pode ser um sinal de que as interpretações do analista apenas permitiram ao analisando recuperar a estabilidade que as defesas conferem à neurose. Se a angústia é o afeto que sinaliza, para o analista, a iminência do levantamento do recalque, ela não deveria ser aplacada a qualquer custo, pois o levantamento do recalque é justamente o que oferece a oportunidade de o analisando apropriar-se, como sujeito, de algumas representações do inconsciente que, até então, expressavam-se através do sintoma.

O que foi exposto até aqui pode ser tomado como um alerta em relação à redução de tensão do campo analítico, necessária para que o analisando prossiga, ele mesmo, na investigação de seu desejo. É uma forma de pensar que visa manter em aberto as questões e os sentidos para que surja o desejo de "descobrir". Segundo Dunker (1996), a interpretação deveria proporcionar, ao mesmo tempo, um ganho e uma perda de sentido. O autor relembra os exemplos dados por Freud em *A Interpretação dos sonhos* (1900), de interpretações simbólicas que se apoiariam em uma espécie de código transcendental, como atestaria a ligação quase dada entre "pênis" e "guarda-chuva" ou entre "escadas" e "relação sexual". No entanto, diz Dunker (1996, p. 31):

Esta espécie de significação universal de determinados signos ficaria completamente excluída no quadro da teoria de Lacan. (...) Se não há simbolismo universal, tratar-se-ia de dar lugar a algo que, mesmo após a interpretação, permanece parcialmente destituído de sentido.

Haveria, então, como efeito da interpretação, não apenas a substituição de um sentido por outro, mas também uma abertura ao que permanece por dizer.

Ao mesmo tempo em que se reconhece a extrema importância das ideias apresentadas, cabe perguntar se, ao falar de certos aspectos da técnica, não se está pensando em um paciente ideal, que associa livremente, suporta os silêncios, produz brechas e lapsos, ou que, se ainda não o faz, o fará pela "técnica do silêncio", quando sabemos pela clínica o quão difícil é um analisando chegar a esta condição. Talvez isso tenha a ver com a ideia de que o dispositivo analítico não se estabelece automaticamente, e com a necessidade, tão comum atualmente, de se ensinar a um paciente o que é se analisar. Não é por acaso que Kehl, em seu texto, refere-se estritamente aos neuróticos, assim como, bem sabemos, Freud desenvolveu sua técnica a partir do trabalho com eles. O que foi exposto das contribuições lacanianas a respeito do engodo do eu e da necessidade de não baratear os problemas colocados pela técnica também tem como referência os neuróticos. Daí surge a questão, que talvez se deva a um desconhecimento do modo como os lacanianos conduzem as análises de seus pacientes, mas que ainda assim parece válida: 'que fazer com os outros pacientes?' ou 'como sustentar a técnica lacaniana em casos mais graves?' Conforme dito anteriormente, não me refiro aos psicóticos, mas sim aos pacientes que vêm sem nenhuma rede simbólica onde se segurar, necessitando que se teça o romance familiar para, depois, se pensar em

encontrar brechas no discurso. É importante lembrar o que se diz na comunidade psicanalítica sobre a importância das palavras e da presença do analista para ajudar o analisando a construir seu psiquismo - depois que ele tivesse acesso ao símbolo, seria outra história. Às vezes fica a impressão de que a técnica lacaniana se aplica mais a quem já está nessa "outra história".

Se o que vimos foi que, segundo Lacan, a construção de sentido, tanto por parte do analista quanto do analisando, pode produzir uma inflação imaginária que fixa ainda mais o sintoma ao discurso, será que não haveria casos em que, antes de desestabilizar as certezas imaginárias que sustentam as narrativas sobre o eu, precisaríamos justamente alicerçar o sujeito em alguma rede de sentido? O que a teoria lacaniana propõe neste sentido, o que tem a dizer sobre esta questão e sobre os argumentos de Green, que defende que se levem em conta as patologias do ego? São indagações cuja discussão é de grande interesse para todos que exercem o trabalho clínico.

Some reflexions about the lacanian technique

Abstract: *This article presents a few aspects of the lacanian technique, showing how their foundations relate to the lacanian notion of ego. It emphasizes the danger of the super-production of senses in the clinic, which can make the patient restore his defenses, identifying himself with the analyst's interpretations and, more than that, with the analyst's ego. Some contributions from Andre Green are useful as counterpoints to the extremism of the lacanian view of the ego and certain arguments of Maria Rita Kehl are used as a reference for the comprehension of the ethics in the lacanian technique. Finally, the article questions the utilization of the lacanian technique in severe cases, understood as those that don't*

present themselves as classic neurosis, given the gaps in the constitution process and in the access to the symbol, but that are not manifest cases of psychosis.

Keywords: *Ethics, technique, ego, interpretation*

Referências

- DUNKER, C. *Lacan e a clínica da interpretação*. São Paulo: Hacker Editores, 1996, 177 p.
- GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008, 373 p.
- KEHL, M. R. Ética e técnica. In: COSTA PINTO, M. (Org.) *O livro de ouro da psicanálise: O pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 96 a 103.
- LACAN, J. (1954-1955). *O Seminário: Livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 420 p.

Marina Fibe de Cicco

Rua Cristiano Viana, 441, cj. 45
05411-000 - São Paulo, SP
(11) 3063 1591
marinafibe@hotmail.com

A função das entrevistas preliminares na abordagem lacaniana

Flavia Schimith Escrivão

Psicanalista, membro do
Grupo de Resenha da
Comissão de Publicação do
Departamento Formação
em Psicanálise do Instituto
Sedes Sapientiae

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a importância das entrevistas preliminares na abordagem lacaniana. São denominadas entrevistas preliminares as entrevistas prévias ao início de uma análise e embora estas conservem muitas das características de uma sessão de análise, não devem ser confundidas com o início do tratamento. As principais questões que norteiam este artigo são a escolha dos critérios diagnósticos utilizados para aceitar um candidato à análise e a forma pela qual a demanda trazida pelo paciente é transformada em demanda de análise. A discussão a respeito da construção da demanda de análise é fundamental, pois este é um dos diferenciais do discurso analítico em relação a outros discursos terapêuticos.

Palavras-chave: Psicanálise, entrevistas preliminares, sintoma, transferência

Este texto tem como objetivo investigar a importância das entrevistas preliminares na abordagem lacaniana. Algumas questões motivaram a leitura a respeito do assunto e irão nortear a confecção do texto: Quais critérios diagnósticos um analista utiliza para aceitar um candidato em análise? Como este diagnóstico pode auxiliar a escuta do analista? Este diagnóstico é determinante na admissão do paciente, ou se presta a uma localização em

relação à direção do tratamento? Como ocorre a transformação da demanda trazida pelo paciente em demanda de análise?

Quinet no livro *As 4+1 condições de análise* (2000), dedicou um capítulo intitulado "As funções das entrevistas preliminares" ao assunto em questão. Quinet inicia a discussão sobre as entrevistas partindo de um texto de Freud intitulado *Sobre o início do tratamento* (1913). Quinet ressalta que Freud denominava *tratamento de ensaio* as sessões iniciais e prévias de uma análise. Freud entendia que estas sessões serviam para ligar o paciente ao tratamento e à pessoa do analista, além de contribuírem na delimitação de um diagnóstico a respeito da estrutura de personalidade do paciente.

Na abordagem lacaniana são denominadas *entrevistas preliminares* as entrevistas prévias ao início de um tratamento. Segundo Quinet, embora estas entrevistas conservem muitas das características de uma sessão de análise, não devem ser confundidas com o início de uma análise. O que fica claro é que entrar em análise não é sucessão natural destas entrevistas. A entrada em análise é o oposto disto e segundo Quinet é interessante que este processo seja marcado com um corte, uma descontinuidade em relação ao momento inicial. O autor ressalta, ainda, que as entrevistas conservam a estrutura da análise ao postular a associação livre, mas se diferenciam pelo fator diagnóstico. Com o término das entrevistas, cabe ao analista concluir se admite aquele paciente ou não. Um aspecto interessante e que está proposto no texto de Quinet é a questão da elaboração da demanda de análise. Pretendo posteriormente articular neste artigo a questão da demanda de análise nas quatro modalidades de discurso propostas por Lacan.

Segundo Quinet o diagnóstico funciona como uma orientação para o rumo da análise. Ele acrescenta que é no registro simbólico que este rumo pode ser definido, uma vez que é diante do posicionamento de cada estrutura de personalidade, perante a castração, que podemos definir o diag-

nóstico. Ele propõe que se leve em conta os três modos de negação do Édipo, que correspondem as três estruturas clínicas: neurose, perversão e psicose. A transferência é proposta como a ferramenta fundamental nas entrevistas preliminares. Se o analista ocupa o lugar do Outro na transferência, é interessante neste período direcionar a escuta para a "modalidade de relação do sujeito com o Outro".

A demanda por análise, nas palavras de Quinet (2000, p.16):

não deve ser aceita em estado bruto, e sim questionada (...). Para Lacan só há uma demanda verdadeira para se dar início a uma análise: a de desvencilhar de um sintoma. A alguém que vem pedir uma análise para se conhecer melhor, a resposta de Lacan é clara - "eu o despacho".

Elaborar a demanda é trabalhar na transformação daquele sintoma em sintoma analítico. O que está em discussão, portanto, é se aquele sintoma é analisável ou não. É interessante que o pedido do paciente ao analista vá além de desejar se desvencilhar do sintoma e passe a ser um pedido endereçado àquele analista especificamente e que o sintoma "passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que esse seja instigado a decifrá-lo." (Quinet, 2000, p.16) Neste sentido, o posicionamento do analista perante o sintoma do paciente seria o de questionar: "(...) a que este sintoma está respondendo, que gozo ele vem delimitar? (...)." (Quinet, 2000, p. 17) Este ponto do texto é interessante, porque a proposta é que o sintoma analítico emerge ao encontrar o analista como interlocutor. O paciente apresenta inicialmente um sintoma e cabe ao analista, transformá-lo em desejo.

A transferência é responsável por lançar o analista no lugar de *sujeito suposto saber*. Todas as perguntas que um paciente dirige ao analista, por exemplo: "O que este sintoma quer dizer? Por que eu sinto isto?", colocam o

analista no lugar daquele que sabe sobre o sintoma do paciente. É durante as entrevistas preliminares, portanto, que o analista será incluído no sintoma.

Para Quinet, embora o analista seja eleito *sujeito suposto saber*, seria um equívoco de sua parte identificar-se com tal posição. Mesmo que o saber seja suposto da função do analista, ele sugere que este se aproxime de uma postura de ignorância diante do material do paciente. Cabe ao analista reconhecer a demanda do candidato e posicionar-se diante dela como sujeito faltante e não como o detentor de todas as respostas, até porque, de imediato, o analista não sabe nada sobre o inconsciente daquele analisante. O autor prossegue afirmando que como consequência do estabelecimento do *sujeito suposto saber* surge o amor. É pela presença do elemento amor que ocorre a "transformação da demanda, uma demanda transitiva (algo como livrar-se de seu sintoma) torna-se uma demanda intransitiva (demanda de amor, de presença, já que o amor demanda amor)". (Quinet, 1998, p.29)

Neste ponto da discussão, proponho a articulação entre os aspectos já discutidos com o texto de Quinet e as modalidades de discurso apresentadas por Lacan.

Lacan postulou quatro modalidades de discurso: O discurso do mestre; o discurso da histérica; o discurso da universidade; e, do analista. Denominou de discurso a posição a partir da qual cada sujeito enuncia certo conjunto de "verdades" estáveis a outro sujeito, e segundo Nogueira Filho (2008, p.72):

qualquer discurso pressupõe um agente que o profere e sustenta e um outro a quem o discurso visa. São assim chamados os dois lugares de um discurso. Afirma-se, portanto, que um discurso transcorre entre falantes - liga o agente ao outro - e define um laço social. Prosseguindo, é lícito supor que quaisquer que sejam o discurso, o agente e o

outro, este laço inclui uma produção de verdade. Trata-se, claramente, de uma proposição sobre os discursos que parte do princípio que não há discurso em nome de nada.

Para Lacan toda modalidade de discurso implica uma produção e uma verdade, mesmo que ignoradas por aqueles que o proferem.

Bruce Fink (1998) faz uma leitura a respeito dos quatro discursos propostos por Lacan e pretendo recortar apenas alguns elementos no intuito de incrementar esta discussão. Uma das modalidades de discurso é o discurso da universidade.(p.162).

No discurso da universidade, o saber é a autoridade máxima (...). O agente do discurso da Universidade é o sujeito sapiente, o sujeito desconhecido ou sujeito do inconsciente é produzido, mas ao mesmo tempo excluído.

Segundo Fink no início da formulação dos discursos, Lacan propôs certa proximidade entre o discurso da universidade com a produção da ciência, porém, posteriormente em "Televisão" (texto de 1974), colocou o discurso da histérica como autêntico produtor de conhecimento científico. Ele justificou a mudança, afirmando que o discurso da universidade "não comporta contradições lógicas e/ou físicas e que neste sentido seria uma tentativa de ordenar e sistematizar, utilizando-se do "disfarce da razão e da racionalidade". (Fink, 1998, p.163)

No discurso da histérica observamos, segundo Fink, o oposto do discurso da universidade, uma vez que ele comporta a "contradição entre consciente e inconsciente e, portanto, a natureza conflitante ou autocontraditória do desejo em si". (Fink, 1998, p. 163) Trata-se de um modelo de discurso que não se propõe esgotar explicações a respeito de tudo:

A estrutura do discurso histérico, portanto, exige um agente que se faça um mistério, um enigma, uma ausência de saber. O agente, assim modelado, faz do outro um senhor, instando-o a trabalhar e produzir saber (...). (Nogueira Filho, 2008, p. 75)

A histórica parte em busca do "mestre" e demanda dele alguma produção, inclusive, colocando em xeque seu saber.

Por fim, o discurso do analista tem *o objeto a* (objeto causa do desejo) na posição predominante e o analista é posto na condição desejante. Segundo Nogueira "é um discurso que inova ao colocar o que é fora da linguagem, o que é resto de objeto perdido, o que causa desejo, como agente do discurso (...)." (Nogueira Filho, 2008, p. 77) Há também neste discurso um saber, o saber sobre o inconsciente, saber que "está imbricado na cadeia significante e que ainda precisa ser subjetivado". (Fink, 1998, p. 166) O analista, ao interpretar os lapsos, atos falhos, sonhos, aponta para o sujeito sua divisão e como consequência do trabalho analítico podem surgir novos significantes. Segundo Fink, a compreensão de Lacan sobre este discurso é que o analista, ao apontar a divisão do sujeito, acaba "histericizando" o analisando. (1998, p.166):

O analisando, independente de sua estrutura clínica - seja fóbica, perversa, ou obsessivo-compulsiva - é empurrado de volta para o discurso da histórica. Por que isto acontece? Porque o analista coloca o sujeito como dividido, como contraditório, na linha de fogo, digamos assim.

Quinet, a respeito do vínculo transferencial, propõe que por trás do amor implicado na transferência existe uma busca por saber. Porém, sua finalidade não é o saber, mas *o objeto causa do desejo*. (Quinet, 2000, p. 29).

Segundo Quinet (2000), foi no *Seminário VIII* que Lacan utilizou um texto de Platão intitulado "O Banquete" como pano de fundo para sua discussão a respeito da transferência. Em um trecho do *Seminário VIII* (1960,, Lacan chamou atenção para um trecho de "O Banquete" em que um discípulo se dirige a Sócrates, sugerindo que "gostaria de reclinar-se ao seu lado, pois quem sabe, pudesse contaminar-se com sua sabedoria" e Sócrates, por sua vez, respondeu, rejeitando este lugar de suposta sabedoria que lhe foi inculcado. A leitura de Quinet a respeito deste trecho é que Sócrates agiu daquela maneira, pois detectou que o discípulo buscava não somente seu saber e sim a significação que sua figura comportava. Quinet sugeriu que diferente de Sócrates, que se recusou a ocupar este lugar, o analista deve "consagrar-se essência do desejo do paciente (...), deve estar disposto a pagar o preço de se ver reduzido, ele e seu nome, a um significante qualquer (...)". (Quinet, 2000, p. 31)

Quinet acrescenta que durante as entrevistas preliminares cabe um tipo de interpretação denominada por Lacan de *retificação subjetiva*. O objetivo desta retificação é implicar o sujeito como participante da neurose de que se queixa e segundo Quinet (2000, p.32):

Na retificação subjetiva há, portanto, a introdução da dimensão ética - da ética da psicanálise, que é a ética do desejo - como resposta à patologia do ato que a neurose tenta solucionar escamoteando-a.

A discussão a respeito da construção da demanda de análise é fundamental, pois este é o diferencial do discurso analítico em relação a outros discursos, presentes na sociedade e que fazem fronteira com a psicanálise, tais como o discurso da psiquiatria e de algumas escolas dentro da Psicologia. A função de analisar implica, portanto, que o analista possa em primeiro lugar olhar para um sintoma sem reduzir o paciente

àquele fenômeno que o acomete, falar de sujeito para sujeito. O sintoma é endereçado a um analista especificamente e a transferência, neste sentido, o coloca em posição de xeque, contra a parede, situação diante da qual não deve declinar. Lidar com contradições, no sentido de apontar a divisão do sujeito e caminhar no sentido da responsabilização do paciente por seu sintoma, são importantes condições para a inserção do sujeito no discurso analítico.

The function of preliminary interviews in the lacanian approach

Abstract: *The present study aims at investigating the importance of preliminary interviews when using the Lacanian approach. Preliminary interviews are those meetings prior to the beginning of an analysis and, although they keep many of the psychoanalysis session characteristics they should not be confounded with the beginning of the treatment itself. The present article is based on: diagnostic criteria that a psychoanalyst uses to accept a candidate for analysis and how the demand brought up by the patient is transformed into a demand for analysis. The discussion towards the building of the analysis demand is essential, once this seems to be the differential for the analytical speech with other therapeutic speeches.*

Keywords: *Preliminary interviews, psychoanalysis, transference, symptom*

Referências

- FINK, B. *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.55-168.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.
(1913) Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise), v. 12, p. 137-160.
- LACAN, J. *O Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 367-504.
_____. *Escritos (1901-1981)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 807-869.
_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 35-49.
- NOGUEIRA FILHO, D. M. *Psicanálise e medicina*. São Paulo: Escuta, 2008, p. 65-93.
- QUINET, A. *As 4+1 Condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2000, p. 13-34.

Flavia Schimith Escrivão

Rua Agisse, 267
05439-010 - São Paulo, SP
3031 1310 / 3812 4397

No espelho com Lacan

Cristiana Catalano Soldano

Psicanalista, membro da Comissão de Publicações e do Grupo de Estudos Lacanianos do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: A noção lacaniana de "estádio do espelho" evidencia o aspecto ilusório do reconhecimento de si e da gênese da identidade. A partir desta formulação, a autora propõe uma reflexão a respeito dos fatores imaginários envolvidos na formação, nas filiações e na construção da identidade do analista.

Palavras-chave: Lacan, estágio do espelho, imaginário

Introdução

O estilo é a fisionomia do espírito. E ela é menos enganosa do que a do corpo. Imitar o estilo alheio significa usar uma máscara.

Arthur Schopenhauer

Muito se diz a respeito do estilo de Lacan. Sua prosa rebuscada e cheia de volteios rendeu-lhe a recusa de alguns que, mesmo antes da primeira página, descartaram a leitura de sua obra considerando-a inacessível.

Por vezes reprovado, por outras venerado e reverenciado, o fato é que Lacan continua provocando as mais diversas paixões. Impossível é ignorá-lo.

Interessada pelo pensamento do autor optei por me inserir num grupo onde travei um contato mais efetivo com seu ensino que, para mim, revelou-se precioso. O presente escrito decorre dessa experiência e toma como eixo o tema do espelho, referência fundamental na obra lacaniana.

Embora procure ser clara em minha exposição, desviando-me do famoso estilo de Lacan, pretendo preservar a consistência de seu discurso e a lógica de seus primeiros passos conceituais, buscando ao mesmo tempo a construção de um saber que possa emergir a partir das minhas próprias interrogações.

Assim escolho me conduzir por essas linhas, esperando que o leitor encontre na incompletude dessa escrita o convite para que entre com seu acréscimo.

Escolhe-se um tema...

Só se dedicará a um assunto com toda a seriedade alguém que esteja envolvido de modo imediato e que se ocupe dele com amor, com amor.

Arthur Schopenhauer

Não raro considera-se que um escrito vem colocar em cena uma face da intimidade do escritor, quer ele possa admiti-lo ou não. De fato, o verdadeiro engajamento de um autor a determinado projeto parece ser favorecido por um ponto de conexão particular entre os mesmos que, funcionando como um ímã, induz e anima tal processo.

Mas aqui o fato inédito é que, curiosamente, o assunto que decidi abordar não me ocorreu em função de questões suscitadas pela clínica ou pela manifestação de uma inspiração irrecusável. Apesar de minha disposição para produzir, não havia tema que me provocasse, nada me fisgava, até que uma colega¹ sugeriu que eu me dedicasse ao texto do "estádio do espelho" como ponto de partida para possíveis desdobramentos que eu quisesse desenvolver. A proposta me pareceu promissora justamente por

1 Refiro-me à Marta Cerruti, a quem sou muito grata.

sua simplicidade e ao cogitá-la fui logo acometida por uma profusão de idéias e imagens associadas ao assunto, fomentando assim meu interesse por trabalhá-la. Esse interesse era tão peculiar, tão próprio, que parecia estar comigo desde muito antes de me chegar como uma sugestão alheia, sugestão sem a qual, entretanto, eu não o reconheceria em mim.

Essa condição que faz com que algo possa ser reconhecido como próprio ao refletir-se a partir do outro traz à tona a própria situação exemplar diante do espelho, em que a percepção de si mesmo é propiciada pela imagem que ali, do lado de fora, se reflete. Daí resulta uma intrigante homologia entre as condições que me levaram a trabalhar o estádio do espelho e a própria experiência que esse conceito propõe. É importante observar que essa idéia cria um ponto de conexão entre fenômenos e contextos bem diversos, não sendo possível estabelecer uma relação de equivalência entre os mesmos.

Encerro esta seção com as palavras de Clarice Lispector:

É que o mundo de fora também tem o seu 'dentro', daí a pergunta, daí os equívocos. O mundo de fora também é íntimo. Quem o trata com cerimônia e não o mistura a si mesmo não vive, e é quem realmente o considera 'estranho' e 'de fora'. A palavra dicotomia é uma das mais secas do dicionário.

Contexto histórico do texto

O conceito de "estádio do espelho" foi introduzido por Lacan na ocasião de sua primeira intervenção no campo da psicanálise, no XIV Congresso da IPA em Marienbad, 1936.

Não existe versão original de tal comunicação, mas seus principais elementos figuram num artigo de 1938, intitulado *Os complexos familiares*². Neste, Lacan aborda a constituição do sujeito humano enfatizando seu aspecto de ser social, mas um ser que é social por necessidade, ligando-se aos outros por ser um filhote biologicamente incapaz de sobreviver

² Cf. Roudinesco, 2001.

3 Influenciado pelos trabalhos do biólogo Louis Bolk.

sozinho. Em outras palavras, Lacan afirma³ que é em razão de ser um animal de nascimento prematuro, marcado pela precariedade, que o sujeito se vincula e se desenvolve em sociedade.

Essa concepção ressalta a importância da relação do sujeito consigo mesmo na origem de sua estruturação, posto que a condição interna de insuficiência é a mola que o conduz ao vínculo com a exterioridade. Vale ressaltar que o termo sujeito é empregado aqui de modo coloquial, como sinônimo de pessoa ou indivíduo, não devendo ser confundido com o que será posteriormente designado por sujeito do inconsciente.

Assim, ao observar essa relação entre o sujeito e seu entorno, Lacan produz um campo de investigação que vai passando da sociedade à família, marcando nesta a presença intrusiva do irmão/semelhante, até chegar ao outro do espelho, interrogando esse estranho fascínio do ser humano pela própria imagem.

No texto original de 1949, *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica*, além de delinear o registro do imaginário, Lacan destaca sua dimensão de engodo para criticar a psicologia do ego, escola pós-freudiana americana que postulava a cura como uma identificação com o "ego forte" do analista, modelo de pessoa equilibrada, sadia e bem-adaptada. Para atingir tal meta, pouco importava gerar um nível de disposição e abertura da escuta às rupturas de sentido próprias ao inconsciente, já que o analista, colocando-se como ideal, teria que concentrar seus esforços em modelar o ego dos pacientes de acordo com suas expectativas.

Foi contra essa "psicanálise domesticada" e ideologizada pelo *american way of life* que Lacan se posicionou criando um movimento de retorno a Freud, em nome de quem tantas outras práticas diferentes eram equivocadamente realizadas.

Como bem disseram Cesarotto & Souza Leite (2001), a psicanálise, em alguns casos, havia se transformado numa velha senhora, "adocicada e

desdentada de tanto mascar chiclete americano", e Lacan entrou em cena feito um bruxo exorcista que, ao trazer o espírito de Freud de volta a essa velha dama, fê-la rejuvenescer, restituindo-lhe o vigor e a mordida...

Enfim, ao espelho

“O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio... esse alguém percebeu o seu mistério de coisa.”

Clarice Lispector

Mas, afinal, o que é o estádio do espelho?

Trata-se, fundamentalmente, da experiência subjetiva através da qual uma criança, ao olhar-se no espelho, identifica-se com a imagem unificada de si mesma. Isso ocorre num momento em que, longe de ter o domínio voluntário da motricidade, ela vive uma experiência sensorial de corpo fragmentado, determinada por suas impressões perceptivas, sempre parciais.

É importante salientar essa discrepância entre a impotência motriz vivida pela criança e a ilusão de plenitude que o espelho lhe devolve, pois é apoiado nesta miragem - de um ser total - que o eu se constitui. Acompanhem um trecho do texto de Lacan (1949/1998, p. 100):

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.

Daí o caráter enganoso e fictício do eu, pois o que de fato existe é o corpo fragmentado, dado por informações sensoriais focais que não coincidem com a aparência de unidade que se afigura no espelho.

Para salientar o poder e a pregnância dos efeitos da imagem sobre um organismo, Lacan faz referência a algumas espécies do mundo animal que dependem, para alcançar certos estágios de maturação, da visão de um semelhante (um outro membro da mesma espécie), destacando ainda que a colocação de um espelho diante desses animais pode produzir os mesmos resultados.

Tais exemplos revelam, por outro lado, que a aquisição humana da unidade corporal não depende necessariamente da concretude de um encontro com o objeto espelho, mas de uma operação psíquica de identificação com a imagem de um semelhante.

Essas constantes referências ao discurso biológico sugerem uma analogia entre o humano e o animal ao mesmo tempo em que marcam a fundamental diferença entre os mesmos, pois se no animal o imaginário é pré-definido pela natureza, no homem ele é variável e regulado pela intervenção do simbólico, registro que Lacan passa a trabalhar com maior precisão no segundo período de seu ensino, com a introdução do "estádio do espelho corrigido". Não obstante, mesmo na primeira elaboração da teoria do espelho, cujo eixo central é o imaginário, podemos encontrar alusões a fatores simbólicos e sabemos, *a posteriori*, que a concepção dos três registros sustenta-se fundamentalmente no enodamento entre eles.

Com efeito, a análise de um texto toma diferentes rumos na medida em que o conhecimento de alguns avanços teóricos se faz presente, ocorrendo-nos durante a leitura que deixa, neste sentido, de ser ingênua. É assim que podemos, por exemplo, antever a construção do pensamento de um Lacan nas entrelinhas do outro.

A própria expressão "tu és isto", destacada no final do texto de 1949, parece antecipar a perspectiva, explorada em momentos posteriores, de

que a operação em questão requer a presença de um terceiro elemento além do binômio criança/espelho, um Outro⁴ que esteja em posição de legitimar a experiência, cujo desfecho se traduz por um "eu sou" em função desse reconhecimento denotado pelo "tu és". Tal reconhecimento está subordinado a ideais, valores e atributos presentes no universo simbólico das figuras parentais que encarnam esse Outro e situam a criança como objeto privilegiado em sua economia libidinal. Assim, muito mais do que a simples assunção de uma imagem, trata-se aqui da constituição de uma matriz equivalente ao que Freud denominou por ego ideal, cujo lugar simbólico, balizado por atributos de valor presentes na trama do desejo parental, é reservado à criança desde antes da concepção.

4 Para uma definição detalhada do conceito de Outro, ver o capítulo 1 de Fernandes, 2000.

Mas essa aposta endereçada ao *infans* tem seus efeitos regulados e sobredeterminados em função das escolhas e respostas que este é capaz de produzir ao deparar-se com aquilo que lhe foi atribuído.

A experiência de uma análise possibilita, em alguns casos, o devir de um sujeito do desejo apto a subverter a "mentira necessária" a partir da qual se constituiu e significou a própria existência.

É evidente que faço aqui uma abordagem simplificada, compatível com os propósitos e limites deste trabalho.

Para finalizar esta seção, trago os versos de Drummond:

Verbo ser

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá pra entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

Carlos Drummond de Andrade

Ser lacaniana

Conforme dito anteriormente, o presente artigo resulta do estudo de alguns escritos de Lacan, que ocorreu de maneira mais efetiva com a minha inclusão no Núcleo de Estudos Lacanianos do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. A decisão por integrar tal grupo deriva de uma preferência que incide na clínica e se faz notar, sobretudo, em escolhas transferenciais que vão além da busca teórica por autores, textos e livros.

Ao delinear um fragmento da minha trajetória particular, lanço, à luz das concepções até aqui trabalhadas, a seguinte questão: em que medida o referencial teórico-clínico que um analista tende a privilegiar torna-se consistente ao ponto de adjetivá-lo, resultando num "eu sou"?

Não pretendo responder esta questão, mas defendo que cada analista possa se interrogar a respeito de como se define, já que a adesão a uma linha ou escola pode funcionar como pura antecipação jubilatória em que, ao modo do estádio do espelho, nossa real e irremediável insuficiência seja ofuscada por uma identificação imaginária ortopédica e dogmática.

Não nego a importância de adotarmos um conjunto teórico que fundamente nosso trabalho, e concordo que a proposta de uma formação pluralista não deve ser transformada num verdadeiro "samba do crioulo doido", mas já que entramos no samba, seria interessante que ele não fosse "de uma nota só".

Ser psicanalista

Neste ponto, gostaria de me ater à questão da identidade do analista, independentemente da escola por ele adotada. O que é, afinal, "ser psicanalista"?

Eis a melhor concepção que encontrei até hoje, de Leclaire (1971, p. 41): "Ser psicanalista é, na enganadora permanência da sua poltrona, a cada instante, voltar a sê-lo novamente."

Essa afirmação tem a grande vantagem de não definir o "ser" do analista de forma permanente. Pelo contrário, se há algo que o determina, é a própria qualidade de evanescência. Ser analista não é um título, não é algo que possa ser garantido por uma instituição. Não há porto de chegada para o analista, em que ele possa se instalar e dizer: "agora sei, agora sou." Não há hierarquia ou respeitabilidade que possa alterar esta condição, da qual todos compartilhamos.

Em nossas poltronas ou para além destas, seja ao escutar um paciente, apresentar um caso ou ler um texto, essa marca nos reúne e anima nossa prática com o desejo e a paixão de, indefinidamente, nos re-tornarmos analistas.

In the mirror with Lacan

Abstract: *The lacanian notion of "stage of the mirror" reveals the deceptive aspect of the recognition of oneself and the origin of identity. Starting from this formulation, the authoress proposes a reflection about the imaginary factors involved in the formation, in the affiliations and in the construction of the analyst's identity.*

Keywords: *Lacan, stage of the mirror, imaginary*

Referências

CESAROTTO, O. & LEITE, M. P. de S. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras, 2001, 144 p.

FERNANDES, L. R. *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta, 2000, 176 p.

LACAN, J. (1938). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 96 p.

_____. (1949). "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96 a 103.

LECLAIRE, S. *Démasquer le réel*. Paris: Seuil, 1971, 187 p.

ROUDINESCO, E. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 80 p.

Cristiana Catalano Soldano

Rua Harmonia, 1014

05435-001 - São Paulo - SP

(11) 3816 1183 / 3034 4199

cristianasoldano@bol.com.br

Sobre a distinção entre o eu e o sujeito do inconsciente em Lacan

Marta Quaglia Cerruti

Membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP

Resumo: Este artigo examina a teoria do sujeito de Jacques Lacan e enfatiza a distinção por ele feita entre o eu e o sujeito do inconsciente. Lacan inicia seu percurso teórico a partir de duas vertentes: em sua tese de doutorado sobre um caso de psicose (1932), ele critica a redução dos fenômenos mentais ao registro do orgânico, bem como aponta a importância de que o sentido da alucinação seja buscado no sujeito; já no seu chamado "retorno a Freud", ele questiona a ênfase que vinha sendo dada ao eu pela psicanálise à época. Lacan agrega a hipótese do inconsciente freudiano a noções advindas tanto do estruturalismo como da lingüística, o que lhe permite desvencilhar a psicanálise de uma ideia da existência de uma subjetividade livre e autônoma, bem como compreender o eu a partir de sua vertente imaginária, situada em uma linha de ficção irreduzível.

Palavras-chave: Sujeito, eu, imaginário, inconsciente

É marcante a preocupação de Lacan em estabelecer, ao longo de suas elaborações teóricas, uma teoria sobre o sujeito; ao fazê-lo, ele sublinha a distinção necessária entre o eu e o sujeito do inconsciente. Podemos dizer que sua conceitualização sobre o sujeito parte da constatação do desamparo humano e da universalidade do discurso que, de alguma maneira, procura dar conta desse desamparo, e a intenção de Lacan será a de pesquisar quais os

efeitos estruturantes, sobre o sujeito, da intersecção destes dois aspectos. É neste sentido que as condições históricas da existência do sujeito não são pautas de sua pesquisa.

Partindo do pressuposto de que há uma divisão estrutural corpo-linguagem, Lacan irá recuperar, em toda a sua radicalidade, o fato de a psicanálise estar muito distante de uma concepção de que é possível uma relação natural, plena e harmônica entre o corpo e o objeto. O conceito de realidade psíquica indica a ocorrência de uma transformação da necessidade biológica em uma necessidade lógica. A seguir examinamos o cenário no qual Lacan inicia suas pesquisas, para posteriormente retomarmos a questão do sujeito.

Desde sua tese de doutoramento em psiquiatria, *Das psicoses paranoicas em suas relações com a personalidade*, de 1932, Lacan insiste na ineficácia de qualquer redução organicista dos fenômenos mentais. Neste trabalho, sua ênfase recai em afirmar que a alucinação é um fenômeno que deve ser compreendido no sujeito, o que demanda buscar a racionalidade do campo ilusório. Dito de outra maneira, Lacan aborda a psicose preocupado em estabelecer uma conceitualização racional que possa desvelar um saber da experiência, do sentido dela, e do sujeito nela presente.

Outra variável bastante importante que compõe esse cenário é o seu dito "retorno a Freud". Tal retorno interroga o panorama psicanalítico internacional vigente à época, que colocava o eu como conceito central, tanto do ponto de vista teórico como enquanto norteador da intervenção clínica. A *Ego psychology* acabava por fazer da intervenção analítica um corolário do *american way of life*. Soma-se a isso o movimento de difusão da ideologia da aliança terapêutica entre o analista e o eu do paciente em luta contra o sintoma: uma ideologia que supõe que pode haver no eu um campo livre de conflitos, por assim dizer "sadio" e disposto, de maneira sensata, a colaborar para a remissão do sintoma.

Em linhas gerais tem-se aí o panorama no qual Lacan irá posicionar seu pensamento. Voltemos, então, à questão do sujeito. É a partir da leitura

de Freud que Lacan pode vislumbrar a via pela qual é possível retomar o problema do sentido - questão que ele já persegue em sua tese, como vimos -, introduzindo-o no campo da racionalidade. É Freud quem oferece a Lacan as ferramentas necessárias para arrancar o sujeito, e seu sentido, de um sistema que o enlaça seja ao cientificismo, seja ao misticismo. E isso se dá a partir da hipótese do inconsciente, uma vez que tal hipótese permite a Lacan apreender o sujeito em um panorama inteiramente outro: o do conceito. Encontramos, em seu Seminário 1 (1953-1954/1983, p. 10), uma passagem que ilustra bem o campo epistemológico do programa que Lacan irá desenvolver:

O mesmo se dá para a psicanálise e para a arte do bom cozinheiro, que sabe bem cortar o animal, destacar a articulação com a menor resistência. Sabemos que há, para cada estrutura, um modo de conceitualização que lhe é próprio. Mas, como se entra por aí na via das complicações, preferimos nos ater à noção monista de uma dedução do mundo. Assim, nos perdemos. Temos que nos aperceber que não é com a faca que dissecamos, mas com os conceitos. Os conceitos têm sua ordem de realidade original. Não surgem da experiência humana - senão seriam bem feitos. As primeiras denominações surgem das próprias palavras, são instrumentos para delinear as coisas. Toda ciência permanece, pois, muito tempo nas trevas, entravada na linguagem.

O que Lacan visa é afastar-se de qualquer conceitualização de caráter meramente especulativo, ou daquilo que ele nomeia de "demônios da analogia", e isto através de uma conceitualização efetiva da subjetividade e de seu sentido.

A integração do conceito de inconsciente à sua teoria se desenvolve a partir de, basicamente, dois pontos de apoio: em um primeiro momento, o estruturalismo; posteriormente, a lingüística. E também são esses pontos de apoio que permitem que Lacan se distancie daquilo que, sistematicamente, tende a encobrir o alcance da descoberta freudiana: seja o cientificismo, seja a concepção do inconsciente como um lugar recôndito, imerso nas profundezas.

Em suma: primeiramente o foco da pesquisa lacaniana sobre a hipótese do inconsciente se alimenta das relações entre o sujeito e a estrutura que o apreende; posteriormente o inconsciente se apresenta como pura lógica, a lógica do significante.

É por intermédio da obra de Lèvi-Strauss que Lacan agrega a noção de anterioridade à hipótese do inconsciente, anterioridade cuja presença é determinante de uma estrutura. De maneira bastante sintética, para o estruturalismo a cultura se apresenta como um sistema arbitrário de classificações que irão interferir na natureza de seus elementos, dispondo-os, segundo Lèvi-Strauss, em uma "segunda natureza". Trata-se de um sistema classificatório que irá atribuir aos sujeitos ainda por vir um lugar. Nas palavras de Lacan (1964/1979, p. 25-26):

Ilustrarei com algo que é materializado em um plano seguramente científico, com esse campo que explora, estrutura e elabora Claude Lèvi-Strauss, e que ele rotulou como o nome Pensamento Selvagem. [...] Antes de qualquer experiência, antes de qualquer dedução individual, antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de força iniciais. [...] Antes ainda que se estabeleçam relações que são propriamente humanas, certas relações já são determinadas.

E é na linguagem, e por meio dela, que estas relações se estabelecem. É a lingüística que oferece as leis de funcionamento desta "segunda natureza". Vejamos novamente o que nos diz Lacan (1964/1979, p. 26) no seu Seminário XI:

Hoje em dia, no tempo histórico em que estamos de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a lingüística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva, é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há, sob o termo de inconsciente, algo de qualificável, de acessível, de objetivável.

A lingüística faz deitar por terra qualquer idéia de que há uma subjetividade original, motora e autônoma. Isto porque parte do princípio da existência de uma determinação estrutural e absolutamente anônima do sujeito. E é seguindo esta trilha que Lacan poderá se debruçar sobre a relação do sujeito e a representação equivocada que ele faz de si mesmo, ainda que esta seja uma representação inevitável. Uma representação de si mesmo que nada mais é - segundo Lacan - que esse "sujeito popular e metafísico".

A estrutura da linguagem e as leis do significante são irredutíveis a qualquer materialidade, o que traz em seu cerne uma conseqüência inevitável: a psicanálise opera seus conceitos tendo como ponto de partida um sujeito que não é da ordem do observável, e por esta razão trata-se de um sujeito de maneira alguma passível de ser reduzido ao campo biológico da necessidade. (Lacan, 1960, p.833):

Nossa definição de significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representável senão para algo.

Vemos, assim, a assunção de um registro radicalmente distinto de qualquer empirismo, pois nenhum significante está atrelado a um significado, e é preciso recorrer a toda a bateria significante para que se possa vislumbrar alguma significação. O que indica a brecha a partir da qual Lacan poderá afirmar que o eu não pode ser tomado como uma subjetividade e tampouco pode fundar uma subjetividade, pois a única possibilidade de contorno que é oferecida ao eu é o sistema significante.

Mas qual é, então, o sentido desta função que se nomeia eu? Qual o sentido de que o sujeito fale em nome de um eu que ele crê ser uma uno e indiviso? Fica em aberto a compreensão da constituição do eu, e o entendimento de como operam as identificações corriqueiras de um sujeito.

Em seu trabalho *De nossos antecedentes* (1966), Lacan pontua que sua teoria do eu se fundamenta em dois elementos das teorizações freudianas sobre o eu, quais sejam: o eu tomado como a projeção da superfície corporal, e a teoria das identificações. É a partir desses dois elementos que Lacan irá formular sua metáfora do espelho.

É preciso marcar que, diferentemente da psicologia experimental - que se ocupa em observar e classificar a busca da criança por sua imagem no espelho, visando classificar cada atitude da criança, bem como a evolução de tais atitudes -, Lacan interroga o sentido desse movimento da criança em direção ao espelho. Ou seja, sua teoria do estágio do espelho enfatiza o movimento de busca da criança por uma imagem, e seu interesse é

pesquisar quais os efeitos produzidos na criança pelo fato de ela se procurar em uma imagem.

O estágio do espelho revela o momento em que o *infans*, ao se deparar com sua imagem em um espelho plano, jubila-se ao reconhecer sua própria imagem. Tal júbilo advém do fato de que esta imagem vem a totalizar o corpo desmembrado do auto-erotismo, e lança o sujeito em uma ilusão de completude imaginária: Trata-se de uma unidade ortopédica que se oferece como um contorno para a desordenação motora, e que fornece ao sujeito o primeiro esboço do eu. Uma imagem de si com a qual o sujeito se identifica, e na qual se aliena.

E é também a partir da pesquisa do sentido do movimento da criança em direção ao espelho que Lacan propõe uma redistribuição radical das relações entre interioridade e exterioridade: o mundo dos eventos externos não pode ser considerado algo que provoca reações em um organismo vivo, uma vez que se trata - a partir do estágio do espelho - de um mundo de formas que são responsáveis pela confecção do sujeito desde o início. Em decorrência disso o desejo não pode ser tomado como categorias de uma força que surge a partir de alguma profundidade do sujeito, e cuja origem orgânica está em pauta. O desejo assim destituído de qualquer caráter misterioso e profundo surge na superfície plana do espelho, cujo brilho representa uma profundidade que não é mais que ilusória. O sujeito não é anterior a este mundo de formas que o fascina, pois ele se constitui na imagem e por intermédio dela; o exterior não se encontra alhures, mas sim no interior do sujeito. A denominação de quaisquer sentimentos de exterioridade só é possível porque, inicialmente, o sujeito reconhece em si mesmo essa imagem que irá nortear sua relação com o exterior.

Para o sujeito este lugar, esta imagem na qual ele se situa supondo uma unidade é, por princípio, alguma outra coisa que apenas o representa para si. E isto marca a ocasião de uma primeira renúncia, e revela que não se trata de um estágio a ser superado, mas sim de uma configuração insu-

perável, que carrega no bojo a concepção de que há um campo no qual constituição e perda operam simultaneamente.

O enunciado "eu sou isso" revela a busca que o sujeito faz de uma singularidade material, e aquilo que ele encontra só se refere a alguma universalidade abstrata. Para Lacan o eu surge como uma função que a linguagem restitui ao universal, tanto àquele que diz "eu sou isso" como a qualquer outro.

O pronome pessoal eu designa, portanto, o sujeito que se identifica a uma imagem ideal específica. Trata-se de uma cristalização de imagens que permitem a emergência de um sentido de eu coerente, uno e indiviso diante de alguma exigência de ação pragmática. Uma vez desfeita a exigência pragmática, o eu deixa de ser uma certeza e passa a ser uma interrogação.

O inacabamento orgânico, marcado pela desordenação motora, bem como pelo esgarçamento das percepções interna e externa, é o caminho que Lacan toma para sublinhar a existência de uma discordância estrutural entre a unidade da imagem na qual o sujeito se apreende - imagem que o fascina e lhe ensina tudo - e o engodo de uma antecipação que surge tal qual uma miragem da realidade que o sujeito ainda não é. É este o sentido e o alcance desta deficiência constitutiva do ser humano que, para Lacan, só a psicanálise possui ferramentas para reconhecer: antes da qualquer nomeação social esta forma apreendida pelo sujeito no espelho - ou em qualquer outro que se lhe apresente - irá situar a instância do eu em um campo ficcional irreduzível.

O sujeito parte em busca de si e se constitui em alguma coisa que é radicalmente outra. Ou seja, o sujeito se constitui na imagem antecipada de algo que ele não é, mas, paradoxalmente, não lhe resta alternativa senão

crer que é. Daí Lacan afirmar em seu Seminário 1 que "o eu é o sintoma humano por excelência, a doença mental do homem".

Como foi dito o estádio do espelho, para Lacan, não pode ser considerado como apenas um momento do desenvolvimento, como um signo de uma fase de uma história positiva, e que segue em contínuas aquisições. Para Lacan o que tal estádio revela é a ocorrência de uma função exemplar que parte de uma negativa: o cenário se constitui a partir de uma perda e o sujeito segue seu curso tentando obscurecer uma defasagem, numa eterna fuga para adiante. E é justamente esta falta que é a causa do sujeito, aquilo que o coloca em marcha.

O inconsciente destituído, assim, de qualquer categoria das profundezas se expressa na superfície consistente do sujeito e emerge na consciência através de suas formações. Trata-se de um sujeito a ser considerado enquanto superfícies e dobraduras, daí o esforço de Lacan para falar do sujeito em termos de nós, topologia e matema. Tal esforço revela a preocupação de Lacan de abolir a concepção do inconsciente subsumido à ordem de representações recônditas, para tentar fornecer dele uma pura apresentação.

Em síntese, o sujeito do inconsciente não é mais que sua própria apresentação, surgindo assim exposto e despojado de qualquer profundidade. Trata-se de delinear um campo que condensa algo da ordem do ser/estar sujeito, cuja possibilidade de aparição só se dá em uma linha de ficção que é o eu. O que equivale a recuperar a noção de que a consciência é, antes de tudo, determinada pelo inconsciente com toda a sua força. Além disso, significa não equivaler o desconhecimento à ignorância; tampouco conceber que é um desconhecimento passivo, à espera de um esclarecimento competente. É isto sim um desconhecimento plenamente ativo, uma vez que é a própria atividade do sujeito que, ao fim e ao cabo, não possui nenhuma outra.

About the distinction between the ego and the unconscious subject in Lacan

Abstract: *This article examines Jacques Lacan's theory of the subject and emphasizes the difference that he establishes between the Ego and the unconscious subject. Lacan developed his theories from two starting points: in his doctorate thesis about psychosis (1932) he criticizes the approaches that consider the mental phenomena as something strictly organic, and points out that the senses of the hallucinations should be searched in the subject; in his commonly called "return to Freud", Lacan criticizes the emphasis that, at that time, psychoanalysis was dedicating to the concept of Ego. Lacan combines the Freudian hypothesis of the unconscious with concepts formulated by structuralism and linguistics, and thus rids psychoanalysis of the notion that a free and autonomous subjectivity can exist. This combination also allows Lacan to understand the Ego as an imaginary instance, situated in an irreducible fictional line.*

Keywords: *Subject, ego, imaginary, unconscious*

Referências

FINK, B. *O Sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1953-1954). *O Seminário - livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 807-842.

_____. (1964). *O Seminário - Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

_____. (1932). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade seguido de primeiros escritos sobre a paranóia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. (1966). De nossos antecedentes. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 69-76.

OGILVIE, B. *Lacan: A formação do conceito de sujeito* (1932-1949). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

SIMANKE, R. *Metapsicologia lacaniana: Os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

Marta Quaglia Cerruti

Rua Jericó, 255 - cj. 38
05435-040 - São Paulo, SP
3814 1105
marta.cerruti@terra.com.br

Sobre a psicose ordinária

Durval Mazzei Nogueira Filho

Psicanalista, psiquiatra, mestre em Psiquiatria (HSPE), professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro da seção São Paulo /EBP

Resumo: O autor discute sobre o conceito de psicose ordinária. Corresponde a um exercício nosológico de psicanalistas diante da clínica contemporânea.

Palavras-chave: Classificação, psicanálise, psicose

Do rigor na ciência

Borges (2005, p.133), em um de seus minicontos geniais, escreve:

... naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Escravas ao Estudo da Cartografia, as Gerações seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

Esta referência não é nem oblíqua, nem paralela, nem borromeana, isto é, simplesmente não tem nada com um Lacan (1963/2005, p.87), entre decepcionado, triste, bravo que finaliza a única apresentação do Seminário sobre os Nomes-do-Pai dizendo "nunca, em momento algum, dei-lhes pretexto para acreditar que para mim não havia diferença entre o sim e o não".

Sirvo-me das referências para introduzir o tema - psicose ordinária - em um campo específico. Este campo está delimitado pela constatação de que 'psicose ordinária' é um conceito. Então: que conceito é esse? De onde procede? De um instrumento novo: do estrutural para o borromeano? De uma exigência do tempo que retirou da escuta o privilégio e colocou-o na demonstração imagética? Da clínica: há um analisante que oferece um desafio ao discurso analítico?

Assim a citação de Borges e a citação de Lacan constituem balizas por onde o pensamento prudente deve caminhar. Há, sim, mesmo não-toda, uma diferença entre o sim e o não. Não-toda quer dizer que tal diferença deixa sempre um hiato que não recobre de forma alguma o território do real. Não é nem um pouco necessária, portanto, a obstinação dos cartógrafos.

A psicose 'clássica' e a função do diagnóstico

Em 1894, Freud (1973/1894, p.172) escreveu *As neuropsicoses de defesa* (tentativa de formulação de uma teoria da histeria adquirida, de muitas fobias e obsessões e de certas psicoses alucinatórias). É um texto que interessa. Entre as razões está a razão classificatória. Freud, com detalhe especifica a diferença entre as defesas que permitem a estruturação dos quadros clínicos citados no título do artigo. Vale salientar como o fundador qualifica a defesa que constitui a psicose alucinatória, comparando-a a outras modalidades de defesa:

... em ambos os casos [histeria e fobias/obsessões]
a defesa contra a representação incompatível foi

efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como "confusão alucinatória".

E um pouco mais adiante, completa:

... [o fenômeno] deve ser encarado como a expressão de uma predisposição patológica de grau bastante alto e pode ser descrito mais ou menos como se segue. O eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento de realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total ou parcialmente, da realidade. (*ibid.*, p.176)

Este trecho é um dos mais representativos do Freud de Lacan. O ser que Freud descreve está completamente envolvido pela linguagem. O significante toca no real de uma forma inteiramente particular, que é revelada pela construção original onde representação/afeto/realidade são expulsos de uma maneira tal que a tessitura da realidade passa a conter furos, falhas que o mergulham na confusão alucinatória. Mergulham-no em um maravilhoso mundo de transtorno de linguagem. Se substituirmos a frase freudiana 'predisposição psicopatológica' por foracclusão, estaremos muito próximos do ensino de Lacan. Pelo menos, muito próximos do primeiro

ensino de Lacan (1956/1985, p.99). Desde que não nos esqueçamos que "os acidentes no interior da Bejahung... situam-se além de todo o mecanismo de simbolização", mas tais acidentes definem um estilo. De qualquer forma, afirma-se que a psicose é claramente distinta das outras formações clínicas. Fica já em destaque a maior inquietação que atravessa este escrito. Se a diferença que Freud percebeu e que Lacan sublinhou deve ocupar na arte diagnóstica do psicanalista o lugar do mapa que fascinou uma geração de cartógrafos borgianos. Isto é, se devemos esperar que este instrumento para diagnosticar cubra toda a extensão do planeta linguageiro. Se o real implicado no sintoma daquele que fala ao psicanalista deve, em qualquer circunstância, exprimir-se por transtorno de linguagem 'sim' ou 'não'.

Vê-se esta inquietação nas discussões recentes entre psicanalistas sobre o que acontece com a clínica. No âmbito do campo freudiano, está presente no 'conciliábulo de Angers', seguiu pela 'conversação de Arcachon' e deu mais um passo na 'convenção de Antibes'. As conversas nestes encontros repetiram o mesmo tom: o que, do arsenal teórico clássico, resta para a abordagem da clínica cotidiana. Há Nome-do-Pai sim ou não; há ponto de basta sim ou não; há estrutura sim ou não; há gradação sim ou não. No fundamento desta discussão, o lugar do simbólico, a equivalência entre o simbólico, o imaginário e o real, a função do jogo de significantes e, portanto, a eficácia da decifração: o lugar da linguística. E, é claro, o nexo possível entre o discurso do analista e a clínica. Sem obscurecer a marcha passo a passo, exemplar na obra de Freud, entre o que se passa na clínica reformando a teoria, teoria que sustenta a recomendação aos psicanalistas que paguem com a ausência do ser para que se apresentem ao sujeito barrado como objeto *pequeno a*.

Tal inquietação toma um ponto de referência na formulação que, por um momento, pareceu sólida. Lacan (1956/1985, p.213), no Seminário *As psicoses*, expressava com tranquilidade que:

... o subjetivo aparece no real na medida em que supõe que temos à nossa frente um sujeito capaz de se servir do significante, do jogo de significantes. E capaz de servir-se dele como nós nos servimos - não para significar algo, mas precisamente para enganar sobre o que se tem que significar... o subjetivo é para nós o que distingue o campo da ciência em que se baseia a psicanálise, do conjunto do campo da física.

A comentar a propósito deste trecho, a relação do real com o significante e a não obrigação - nítida nas sessões psicanalíticas - do significante correlacionar-se à verdade ou à cristalização de um significante a um significado. E, mais que isso, salientar a multiplicidade de perspectivas que a condição de servir-se do significante oferece ao sujeito.

Escutem: "eu, Zebëhn Straïn dë Geustaah recebi do profeta Nebëhr Gudahtt que devia cantar meus discos em kobaiano, pois devo alertar a humanidade da catástrofe próxima. Aqueles que sobreviverem ao cataclismo, à grande inundação, surgirão em um planeta inóspito, de povo hostil, que se comunica em kobaiano. A chave para o bom andamento da migração é ouvir 'Mekanik Destructiw Kommandoh' e meditar sobre o que lá nós, o Magma, cantamos. Atenção às letras de 'Kobaia is de hunden' e 'Da zeuhl wortz mekanik' que, além de ensinar a língua, dá a chave para onde caminharem quando o ecossistema terrestre desencadear o colapso."

Esta é a mitologia que preside as composições da banda de rock francesa Magma. Zebëhn é o nome de re-batismo do baterista Christian Vander, líder do grupo. Ele está longe da psicose. Diferente de Schreber que não é um poeta. Vander serve-se do significante. Servir-se do significante permite brincar com o neologismo. Permite brincar com a verdade. Permite inventar histórias e conjecturas sérias, crer nelas para vê-las definidas no momento seguinte. Como se soubéssemos o que falamos. E ao mesmo

tempo sabemos que estamos plenamente imersos em um pacto social de significação. Impostos de maneira fascista pela linguagem, mas construindo enunciados que permitem intencionalidade.

Como diz Lacan (1946/1998, p.168) no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*:

Distinto daquele ser a quem o dito se impõe. Distinto daquele ser que é tomado "[pelas] alusões verbais, [por] relações cabalísticas, [pelos] jogos de homonímia e trocadilhos e, direi eu, [aqueles nos quais] o toque de singularidade cuja recorrência é preciso sabermos ouvir numa palavra para detectar o delírio, [nos quais] transfigura-se o termo em intenção inefável e a idéia fixa-se no semantema, [aproveitando-se] dos híbridos do vocabulário e [criando] o câncer verbal do neologismo, o enviscamento da sintaxe, a duplicidade da enunciação e também a coerência que equivale a uma lógica.

Doze anos depois deste relatório sobre a jornada psiquiátrica de Bonneval, Lacan persiste nesta posição. Na *Questão preliminar*, Lacan (1958/1998, p.545) insiste no privilégio conferido aos transtornos de linguagem como marca diferencial da psicose. Cita "as mensagens autônomas" quando é o significante e não o significado que é objeto de comunicação. Comenta o efeito de significação antecipado ao desenvolvimento desta que proporciona "um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação". Salienta a função do neologismo e todas as novidades que implicam em interrupção de frases "onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de termos índices (os

shifters, que indicam a posição do sujeito)" (*ibid.*, p.546) ou na elisão da parte propriamente léxica da frase. Enfim, a psicose não foi um desinteresse de Lacan. A própria tese confirma. Aproveitando-se, então, de seu percurso como psiquiatra, do escrito freudiano em torno do presidente Schreber, do pinçamento da palavra *Verworfen* da história clínica do *Homem dos lobos*, da diferença do servir-se do significante entre psicóticos e neuróticos, Lacan sustentou, seguindo Freud, a diferença entre neurose e psicose. E sustentou a diferença recusando assumir o pensamento corrente na psiquiatria: a psicose resulta de um déficit. Responde ao colega e amigo Henry Ey: "... longe da loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência." (*ibid.*, p.177)

A forclusão do Nome-do-Pai foi aonde Lacan (1958/1998, p.562) chegou para teorizar esta virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Lacan deu-se conta de um saber usual na antropologia: a mulher pode gerar o filho no encontro com o espírito da fonte ou do monólito. Para concluir que "a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai". Assim, abre a possibilidade de ocorrer um acidente na afirmação primordial (*Bejahung*) e este significante puro - o Nome-do-Pai - não substituir o desejo da mãe e proporcionar um significado para o sujeito, demarcando o que viria a ser a virtualidade de uma falha aberta em sua essência e não inscreva o sujeito como Falo no campo do Outro.

E este ser vai para a vida, vai ao encontro da linguagem que, se permite alguma significação, esta é arbitrária de tal forma que a lógica de seu suporte material, fonemático (o significante), não tem nada com a lógica do pacto social que sustenta o significado. Sem o correr da metáfora paterna, então, este ser vai ao encontro da linguagem, e da vida, sem o dispositivo que legitime o ponto de basta, desprovido de significação fálica.

Está pronto para que, em qualquer momento, veja-se servo do significante, tomado pelos transtornos de linguagem. Então, como Lacan notou no esquema I, se $P0 \rightarrow \Phi 0$, isto é, se não há Nome-do-Pai, não há Falo.

Este 'qualquer momento' é definido por Lacan (1958/1998, p.584) como o 'desencadeamento'. Diz:

... para que se desencadeie é preciso que o Nome-do-Pai foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que o significante e significado se estabilizam na metáfora delirante. Mas, como pode o Nome-do-Pai ser chamado pelo sujeito no único lugar de onde poderia ter-lhe advindo e onde nunca esteve? Através de nada mais nada menos que um pai real, não forçosamente, em absoluto, o pai do sujeito, mas Um-pai.

Este encontro onde um termo não responde desde o Outro é detectado efetivamente como um corte no estilo do sujeito. Mesmo que caminhasse com tropeços, o sujeito respondia ao laço social compartilhando o saber. O encontro com o Um-pai, sem a resposta correspondente, rompe com o compartilhamento. O significante desatrelou-se no real.

É esta construção que está em discussão. É a perenidade do significante do Nome-do-Pai que está em cena. E o que questiona esta construção? É a clínica? É o instrumento? É a contemporaneidade líquida?

Há uma constatação clínica...

A discussão que acompanha as três conversações acima citadas quer constatar que o sujeito que fala ao analista apresenta novidades. A principal delas implica justamente a norma pela qual psicoses e neuroses (a ausência da referência à perversão é um dado a discutir) diferenciavam-se com nitidez. A constatação clínica colocaria a clareza desta norma sob suspeita. Miller et al (2003, p.201), a este respeito, diz "nos vimos conduzidos a explicitar nossa referência à norma clássica e, por causa disto, a discuti-la mais radicalmente".

O acontecimento clínico mais fulgente que conduziu a discussão é a não observação de um claro contraste entre um estado de ser anterior e posterior a um evento que a noção lacaniana de desencadeamento esclareceu. Castanet & De Georges (2003, p.18), ao ouvir pacientes, observam que a "eclosão de fenômenos elementares não segue o encontro com Um-pai ou obedece a uma temporalidade diferente". Comentam que 'o céu sereno', anterior ao encontro, anterior ao desastre imaginário, está, na verdade, marcado por nuvens negras. Falam de premissas, de signos precursores e transtornos de evolução progressiva, que não são necessariamente contínuos. Borie et al (2003, p.47) concordam com os anteriores e notam que "o desencadeamento é muito discreto, até não identificado, e os fenômenos elementares estão plenamente ausentes". G. Morel & Waschsberger (2003, p.74) se, por um lado, discordam das observações acima ao notarem que não houve na casuística nenhum caso que discordasse de Lacan, por outro lado, abrem a possibilidade de uma disjunção entre $P0$ e $\Phi0$. Escrevem: "o desencadeamento ($P0$) é o modo de entrada na psicose que Lacan sublinha quando afirma a primazia do simbólico sobre o imaginário e o real. A entrada na psicose ($\Phi0$), quem sabe, localize-se melhor a partir

do segundo ensino ()". Equivale a dar uma no cravo outra na ferradura, pois se nos atamos à *Questão preliminar*, há uma notável reunião entre os dois termos de tal forma que o significante paterno implica na inscrição da significação fálica. E a alternativa da disjunção de P0 e Φ 0 não é discutida.

Borie et al (2003, p.220/1) diz que:

... as psicoses de hoje, que são psicoses onde a relação com o Outro não está constituída, ou reconstituída pelo delírio, mas que segue sendo problemática [a relação com o Outro de tal forma que] a resposta paranóica que reconstitui a cadeia a partir do S2 no delírio [não se constitui]. Ao contrário, a resposta do psicótico contemporâneo é tratar esse S1 sozinho, em seus efeitos de gozo no ser.

É o que permite que Miller (2003, p.201) acate que o espetacular da clínica psicótica está substituído por "psicóticos mais modestos, que reservam surpresas, mas que se podem fundir em uma espécie de média: a psicose compensada, a psicose suplementada, a psicose medicada, a psicose em análise, a psicose que evolui, a psicose sinthomatizada".

Como se vê, apesar de acossados por uma modernidade assombrosa, pelo menos no ponto de partida, os autores citados mantêm-se na tradição. Observam a clínica, escutam os que falam, certamente situam-se transferencialmente como parte do que lhes é dito e aos poucos o que lhes caem nos ouvidos toma um aspecto diferente: há recalque? Há foraclusão? Onde está a significação fálica? Qual a história destes fenômenos: abruptos ou contínuos? Utilizam-se de conceitos teóricos para as questões que surgem, sustentando o nexos possível entre a teoria que pede uma clínica, cujo bem fazer recomenda antecipar esta àquela. E cai nos ouvidos algo novo, como se os conceitos clássicos estivessem completamente superados.

Que pensamos sobre a clínica? Como teorizar o novo?

Está aqui o que há de delicado. Como pensar, como encaminhar uma teoria sobre o que, na mais tenra tradição psicanalítica, soa novo, soa questionador, soa enigmático. Pois não há apenas um baralho sobre a mesa. Há, pelo menos, dois baralhos e toda a combinatória a ser feita com as cartas.

Em um baralho está o discurso contemporâneo. O discurso contemporâneo não quer saber de significações, quer saber de desempenho e eficácia. O discurso atual não quer saber do falasser, quer saber de como não falo ou faço o que falo ou faço, sem mistérios. O discurso contemporâneo dispõe a qualquer um os meios de não querer saber do corpo do outro sexo ao equivaler real, realidade e virtualidade. O discurso atual oferece grupos onde o traço singular a cada um torna-se traço identificatório a ser purgado pela catarse, desde que este traço fique onde está sob o domínio da disciplina. O discurso contemporâneo envolve a todos num écran midiático onde o saber tem a função de mestre. E, é claro, há novos objetos oferecidos a qualquer constelação gozosa, sem sentido, à qual cada um satisfaz o masoquismo do real. Se a crença fosse à atemporalidade da psicanálise, isto é, se acreditássemos em uma psicanálise uma vez formulada valeria para sempre, estaria tudo bem. Mas não se trata disso. O sujeito como descrito por Freud, habitando um aparelho psíquico, é efeito da história. É efeito do 'penso, logo existo' que define um campo onde o pensamento não se confunde com o corpo. Se Freud introduziu um 'penso onde não sou' apenas corrobora que a noção de sujeito transforma-se. E a transformação contemporânea simplesmente despe o ser do mínimo senso enigmático. Muda a clínica, certamente.

O outro baralho é o segundo ensino de Lacan. Neste muito do que seria sacramentado no discurso analítico é posto em suspensão. O princípio da transformação é a relativização do Nome-do-Pai como o significante do mestre que faz a diferença entre as estruturas, garante a existência do Outro e o enovelamento do nó borromeano em torno do que se recupera

do gozo, o *objeto a*. O cume desta teorização é a interpretação de Lacan sobre Joyce. Neste sujeito, sobre quem Lacan (1976/2007, p.86) pergunta-se insistentemente se é ou não louco, encontrou a função compensatória do nome próprio, a expensas do Nome-do-Pai. Diz "o nome que lhe é próprio, eis o que Joyce valoriza a custa do pai... Pode-se dizer, assim, que o nome próprio faz tudo o que pode para se fazer mais que o S1, o significante do mestre, que se dirige a S2, aquele em torno do qual se acumula o que concerne ao saber". Nesta mesma lição de fevereiro de 1976, Lacan comenta que não há inocentes. Muito menos ele que não fala sem esperar consequências. E considerar a possibilidade de um significante que não o Nome-do-Pai desempenhando a função de mestre implica em uma cadeia de transformações, em uma série de quedas de concepções. Basz (2007, p.250) pontua-as: "o lugar do falasser predominando sobre o sujeito do significante e o acento colocado na densidade pré-estrutural da lalíngua, em detrimento da eficácia simbólica própria da estrutura lingüística." Este acento sobre a nomeação, que o reconhecimento de uma função inusitada do nome próprio permite, continua Basz, "dá um lugar secundário à relação com o Outro como Outro simbólico e sublinha a amarração da nomeação com o real. Nomear é estabelecer, no sentido forte de instaurar, uma relação entre o sentido e o real" (idem, p.251). A ficar claro que acompanhar esta novidade funda, na clínica, a chance de lê-la não mais estrutural, mas borromeana e sem obedecer à lógica do 'sim' e do 'não' que a forclusão consagrara. Por mais que Miller (1998), na cidade belga de Arcachon, salientasse que não há incompatibilidade entre o primeiro e o segundo ensino de Lacan, a diferença que Lacan oferece ao raciocínio psicanalítico deixa, ao menos, à disposição uma vertente não pensada anteriormente. E se esta vertente participa da clínica, ela introduz outro olhar.

Daí uma constante tensão, não resolvida, entre os dois baralhos atravessa as leituras que os companheiros do campo freudiano fazem da

tal psicose ordinária. Borie et al (2003, p.46/7) assumem esta tensão de maneira explícita, acreditando que ambas imiscuem-se em complementação. Dizem:

... pode dizer-se que o 'neo' de que se trata concerne primeiro à nossa época ou a uma simples mudança conceitual no ensino de Lacan? Sem dúvida às duas coisas, pois pensamos que a última axiomática lacaniana - que se centra na inexistência do Outro - permite circunscrever com mais rigor os fenômenos clínicos atuais e a expressão do sintoma.

Laurent (2003, p.225) também crê nesta fusão, "este estado da civilização é compatível com a abordagem geral da psicose ordinária. A época está em consonância com a constatação que ninguém tem a manha para manejar... o ponto de basta". Há algo a ser discutido a respeito desta solução, mas o momento não é este.

Assim, aos casos apresentados na convenção de Antibes, os relatores arriscam as interpretações. Castenet & De Georges (2003, p.43) crêem que "estes 'neodesencadeamentos' correspondem ao desprendimento do broche [que faria a junção dos registros no nó], seja este qual for, e ao desaparecimento do que antes constituía um ponto de basta para o sujeito". Comentam o papel do *sinthoma* na constituição deste broche e reafirmam que "o momento fecundo não parece depender do encontro com Um-pai" (*ibid.*, p.30) e assemelha-se mais com o encontro com a ausência da significação fálica do que com a ausência do Nome-do-Pai na cadeia simbólica ou qual seja a nomeação substituta que mantinha reunidos os registros.

Borie et al (2003, p.48) acentuam que "a promoção da relação do sujeito psicótico com a lalíngua, com o significante não semântico, e não com a questão prévia da articulação, damos conta dos fenômenos psicóticos que são parciais, dispersos, plurais, por menor referência à figura unificadora

do mestre". E completam que, neste tom, "sublinham a conexão do significante e do real e salientam a impostura do pai como garantia do Outro. A norma edípica mostra o caráter não essencial, a impotência em regulamentar o gozo pela lei e pelo ideal" (*ibid.*, p.50). Não é um discurso a ser repetido sem o devido momento de concluir. Os autores são claros ao salientar um ponto de partida que não está no Outro, não se desenrola desde o Outro, mas que assoma como um fenômeno de gozo diante do qual o Outro, na verdade, assiste perplexo.

G. Morel & Waschsberger (2003, p.74), perto dos outros autores, põem a nota tônica na função do sinthoma em manter o enovelamento borromeano e acompanham Miller na concepção 'desatrelamento' entendida como a descrição "às crises suscitadas pelas disfunções do aparelho do sintoma: resulte no desencadeamento (P0), na entrada na psicose (Φ 0), ou em um momento de desestabilização que prenuncia a restauração ou a reelaboração do sinthoma".

Enfim: estas elaborações assumem e introduzem novidades na clínica. Assumir as novidades é postar-se depois que o fenômeno bateu na cara e o aparato de abordagem mostra-se insuficiente. As neuroses traumáticas cumpriram este papel no percurso freudiano. Não é por acaso que Lacan (1976/2003, p.76) faz referência, velada talvez, a este momento de Freud ao comentar que "o gozo do real comporta o masoquismo, tal como Freud notou. O masoquismo é o ápice do gozo dado pelo real. Freud descobriu isso, não previu de imediato". É maneira bastante sutil, mas longe de imperceptível, de descrever o momento no qual o princípio do prazer naufragou. Introduzir novidades é tornar o que não era assumido em aparelho de abordagem. Este roda, não pára de girar e esta é uma lição que não se deve obscurecer. A novidade assumida e introduzida a seguir implica em uma tonalidade nova. Deslocar a fecundidade do jogo entre o significante e o significado em prol de uma conexão mais estreita entre significante e gozo é o fundamento da clínica borromeana e um terreno que requer fundações mais sólidas.

Não impedir que a bola role...

Não é à toa que o texto inicia com a citação de Borges. Esta citação estava guardada para introduzir um escrito que comentasse a neurociência. Alguns neurocientistas procuram, via neuroimagem, construir o mapa da atividade do cérebro humano de uma forma muito similar aos cartógrafos de Borges. A cada circuitaria cerebral devidamente estimulada, um estado de alma, uma sensação, uma frase, uma disposição. Abrir um texto psicanalítico com a citação não implica em atribuir à psicanálise o mesmo equívoco, mas implica em evitar que tal equívoco ocorra. Acreditar que Lacan, ao descrever o desencadeamento, teria definido 'o' mapa de qualquer história psicótica é crer excessivamente em uma construção. O que é muito diferente de estudar Joyce, o Redentor, e perguntar sobre a amarração que sustentou o irlandês. Este, por sinal, um sujeito que viveu distante das mudanças culturais que observamos na pós-modernidade ou na modernidade líquida.

Por outro lado, referir-se ao segundo ensino de Lacan em busca de subsídios teóricos para encarar a clínica contemporânea é uma obrigação. Não com o intuito de fazer do segundo ensino 'o' mapa, mas para que o analista oriente-se em seu tempo. Um tempo que oferece novidades de monta para cada um. E tais novidades não são inócuas ao ser. O sujeito de linguagem é aberto às influências, é aberto às vivências, é aberto ao jogo de saberes, tome a configuração que tomar; isto é, seja ele o sujeito da decifração, ou seja, ele o falasser, que reúne melhor o significante com o real, eles não são entes iguais a si mesmos no correr da história.

Se não são permanentes suas defesas, seus sintomas, suas dores, suas manifestações psicopatológicas também não são permanentes. É neste contexto que o segundo ensino e os esforços dos psicanalistas não devem ceder. Perguntar sobre o que faz as vezes de ponto de basta, perguntar se há uma referência unívoca para os que vivem, perguntar se o que é clássico ainda vale é a demonstração que a psicanálise pode, não obstante o céu longe de sereno, continuar opinando sobre a marcha da cultura.

Se assim é, as perguntas não devem cessar e um saber não substitui o outro. O segundo ensino não é um ensino que se sobreponha biunivocamente ao ensino estrutural. Miller (2005, p.7) escreve "[nesta aula] mais discreto, o questionamento dos limites do complexo edipiano e do mito paterno nem por isso deixou de continuar a correr através de seminários e escritos, até a depreciação do Nome-do-Pai em sintoma e utensílio". Este é um questionamento necessário que atualiza o discurso analítico, mas temos que nos servir desta proposição sem esquecer que o real permanece indizível.

About the ordinary psychosis

Abstract: *This paper is about the concept of ordinary psychosis. It is a nosological practice that psychoanalysts face in the contemporary clinic.*

Keywords: *Classification, psychoanalysis, psychosis*

Referências

- BASZ, S. *Nominação, opção Lacaniana*. Rio de Janeiro, 50, 2007, p. 250-254.
- BORGES, J. L. (1960). *Del rigor em la ciencia*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005, 152 p.
- BORIE, J.; RABANEL, J-R; VIRET, C. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2003, 315p.
- CASTANET, H.; DE GEORGES, P. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2003, 315 p.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.
- (1894). Las neuropsicosis de defensa, v. 1, p. 169-177.
- LACAN, J. (1963). *Nomes-Do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 96 p.
- _____ (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 914 p.
- _____ (1956). *O Seminário - livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 366 p.

LACAN, J. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 914 p.

_____. (1976). *O Seminário - Livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, 252 p.

LAURENT, E. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2003, 314 p.

MILLER, J-A. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2003, 314 p.

_____. *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica*. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998, 204 p.

_____. *Preâmbulo a "Nomes-do-Pai"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 96 p.

MOREL, G.; WASCHSBERGER, H. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2003, 314 p.

Durval Mazzei Nogueira Filho

3862 5716

dr.durval@uol.com.br

Vladimir Pinheiro Safatle

Maria Helena Saleme¹
Vera Warchavchik²

1 Mestre em psicologia pela PUC/SP, membro efetivo e docente do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

2 Membro efetivo e docente do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Vladimir Pinheiro Safatle é Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. É autor de *A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética* (Unesp); *Lacan* (Publifolha); e *Cinismo e Falência da Crítica* (Boitempo). Estudioso da obra de Lacan obteve título de mestre em 1997, pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *Amor pela superfície: Jacques Lacan e o aparecimento do sujeito descentrado*, orientada pelo Prof. Dr. Bento Prado; e título de doutor em 2002, na Universidade de Paris VIII, com *La passion du négatif: modes de subjectivation et dialectique dans la clinique lacanienne*, orientado pelo Prof. Dr. Alain Badiou. Desenvolve pesquisas nas áreas da epistemologia da psicanálise, dos desdobramentos da tradição dialética hegeliana na filosofia do século XX e na filosofia da música.

Essa entrevista foi concedida a Maria Helena Saleme e Vera Warchavchik, membros docentes do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, no dia 05 de Julho de 2009, em sua residência.

Boletim Formação em Psicanálise - Essa edição do *Boletim* é temática. Os artigos foram escritos, em sua maioria, por formandos em psicanálise do Departamento Formação em Psicanálise, que estão tendo o primeiro

contato com textos lacanianos. Os artigos expressam o efeito produzido pelo encontro com o texto de Lacan. Por isso pediremos inicialmente que você fale sobre o estilo de Lacan.

Vladimir Safatle - É inegável que o estilo laciano é um estilo que não responde aos critérios tradicionais de clareza e distinção. Por causa disso ele foi visto, durante muito tempo e por várias pessoas, como obscurantista. Só que ao se confrontar com os textos lacanianos é sempre bom levantar duas questões. Primeiro: o estilo com o qual se escreve, mesmo que se trate de textos teóricos, nunca é indiferente ao objeto descrito; certos objetos exigem um modo próprio de abordagem e um de descrição. Nem todas as experiências intelectuais decisivas da nossa tradição ocidental são marcadas pelo mesmo padrão de clareza. Isso tem uma razão: são experiências intelectuais para as quais a linguagem ordinária ou a linguagem do senso comum, longe de ser uma linguagem desinflationada do ponto de vista metafísico, já é uma linguagem que traz em si uma metafísica naturalizada. Então são experiências que partem, dentre outras coisas, daquilo que poderemos chamar de uma crítica da linguagem ordinária. Para essas experiências, é impossível voltar a falar ou a escrever da maneira como se escrevia antes, é necessário outro modo de escrita. Diria que a experiência laciana faz parte desse tipo de tendência; daí a sua peculiaridade estilística.

Por outro lado, Lacan não é como Freud, para quem o analisando não deveria ler textos psicanalíticos. Neste caso, há uma experiência que se dá no interior da análise que não encontra apoio nos textos. No caso de Lacan, diria que a experiência de confrontação com os textos já é de certa maneira alguma coisa que nos remete à experiência analítica; ela pede um tempo para compreender, ela pede um momento para concluir, ela pede toda a estrutura temporal própria à análise. De certa maneira a confrontação com o texto já antecipa um processo que é interno à análise, ela ganha uma dinâmica que é própria de uma dinâmica de coisas que não se desvelam imediatamente, algo muito próprio à análise.

BFP - Como superar essa impenetrabilidade do texto? Como transpor esse primeiro impacto com o texto, de modo a não cair numa posição acrítica, seja essa de caráter sectário, seja essa de abandono e desinteresse?

V. S. - O texto lacaniano, embora difícil, não é impenetrável. Ele é absolutamente coeso, coerente e bastante articulado. Não devemos imaginar que o texto lacaniano é simplesmente uma sucessão de delírios ou, digamos assim, uma espécie de terrorismo intelectual, como já se falou uma vez em relação a textos de outra pessoa que não é exatamente padrão tradicional de clareza, a saber, Derrida. Neste sentido, certa generosidade do leitor é fundamental. Ele deve estar disposto a de fato perder tempo; perder tempo para poder ganhar tempo posteriormente; perder tempo, ou seja, ler várias vezes, admitir que certa irritação com o texto é um elemento que deve ser superado. Dito isso, parece-me, há um caminho das pedras para se compreender melhor Lacan. Ele consiste literalmente em começar do começo, ou seja, começar dos primeiros textos, desde a tese de doutorado, e tentar configurar o debate nos quais esses textos se inserem, certos debates sobre a filosofia da época, com a psiquiatria da época, com a psicanálise da época. Reconfigurando esses contextos a inteligibilidade dos textos fica muito mais assegurada. Porque é sempre bom lembrar que boa parte dos textos (não digo dos seminários), eram no fundo resumos de seminários ou textos feitos para revistas de psicanálise, que eram revistas destinadas a um público que conhecia relativamente bem o debate ao qual Lacan aludia. Esse contexto se perdeu para o leitor atual; então ele deve reconstruí-lo. Por outro lado, é inegável que os seminários são mais generosos do que os textos escritos - principalmente os primeiros seminários; então vale a mesma coisa: começar pelos primeiros seminários; nunca tentar começar lendo o Seminário XX, o Seminário XVII, coisas parecidas...

BFP - Ainda em relação à questão da articulação filosófica colocada acima: Lacan articulou diversas correntes filosóficas, lingüísticas, psicanalíticas, an-

tropológicas, psiquiátricas, produzindo uma nova forma de pensar o sujeito e modificando a clínica psicanalítica. Você poderia esclarecer quais foram suas fontes e como se deu no tempo a construção dessa articulação?

V.S. - Essas fontes foram bastante variadas e muito mutáveis porque há um diálogo constante com tendências maiores do cenário francês da época. Só que a época de Lacan não é exatamente uma época, são três; e isso complexifica mais o processo. Quando Lacan aparece, a reflexão fenomenológica estava muito em voga no cenário francês; tanto na psiquiatria (a psiquiatria fenomenológica, Jaspers, Binswanger) quanto na filosofia, que é uma fenomenologia heideggero-hegeliana, muito marcada por alguém como Kojève, que vai influenciar toda uma geração de intelectuais franceses, desde Bataille, Merleau-Ponty, Sartre, Lacan, Raymond Aron. Esse é o primeiro momento de inserção de Lacan no debate intelectual.

O segundo momento se dá por volta dos anos 1950, onde aparece então o estruturalismo enquanto grande programa interdisciplinar de racionalização das ciências humanas. Há toda a constelação estruturalista, com Lévi-Strauss, o primeiro Foucault, Althusser, Barthes. Neste momento, Lacan também está muito presente no debate intelectual; é ele quem é responsável pela guinada estruturalista da psicanálise. Há ainda a crítica que os psicanalistas franceses fazem às tendências hegemônicas da psicanálise de solo anglo-saxão, seja a psicologia do ego, seja uma certa teoria das relações de objeto, então tudo isso entra também no debate.

Por fim, há um terceiro momento que é pós 1968, onde no campo da filosofia uma nova leva de filósofos aparecem, que hoje nós chamamos normalmente de pós-estruturalistas, como Derrida, Deleuze, o segundo Foucault, Lyotard, e assim você tem no campo da reflexão clínica um primeiro esboço de certa tendência, por exemplo, a utilizar termos como "gênero", por exemplo - com o início dos estudos de gênero; assim como uma reflexão muito forte no campo da epistemologia sobre os procedimentos de formalização das ditas ciências humanas. Lacan se interessará bastante por tal problema de formalização, principalmente via topologia e usos da lógica.

Esses três momentos, que são muito conflitantes entre si, estão todos presentes na obra de Lacan. É isso que faz a leitura de Lacan ser muito interessante. Normalmente, esses momentos do pensamento francês são marcados por figuras distintas, por personagens distintos. Lacan atravessou os três, eles estão todos na obra, um nunca faz com que o outro desapareça completamente, o que causa uma série de dificuldades maiores de análise, mas também dá ao texto uma riqueza indiscutível.

BFP - Apesar dessa característica dialógica do pensamento lacaniano, pode-se dizer que Lacan constrói um sistema próprio, que se sustenta por sua própria rede conceitual? Ou trata-se de um sistema aberto, que requer sempre que se reconstitua a rede dialógica para complementá-lo para poder entender a proposta lacaniana?

V. S. - Eu diria que nenhuma perspectiva clínica, até onde consegui enxergar, tem a sua conceitualidade dependente apenas dela mesma. Conceitos clínicos nunca são apenas conceitos clínicos. E boa parte dos conceitos clínicos com os quais a psicanálise opera nascem fora da clínica. Então não é algo apenas de Lacan, mas se refere à maneira como nós devemos entender, afinal de contas, como a clínica se relaciona com outros campos. Mesmo o conceito de transferência, que é um conceito que parece tão próprio da clínica psicanalítica, é no fundo um conceito que nasce em outras esferas. Ele nasce da reflexão sobre o político, sobre o problema da sugestão, o problema da imitação no campo social e político, basta ler os textos de Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, textos que Freud leu, para perceber como o problema da transferência está lá posto muito claramente. Ele nasce da reflexão sobre a catarse, numa certa recuperação estética da noção da catarse como purgação, que foi feita, e não por acaso, por um tio da mulher de Freud: Jacob Bernays. Ele nasce também de certa problematização no interior da clínica psiquiátrica, que vem do Pinel e do Samuel Tuke, através da idéia do tratamento moral.

Perceba como essa articulação de problemas de muitas esferas distintas construiu um conceito psicanalítico. Poderia mostrar isso claramente com o conceito de gozo, que é tão central para Lacan. Um conceito que nasce da reflexão social do *Collège de Sociologie*, de Georges Bataille, Roger Caillois, sobre sociedades que não são fundadas em estruturas utilitaristas, mas que são fundadas em fatos sociais como o sagrado, como o erotismo, onde a individualidade marcada pelo Eu se coloca constantemente em vias de dissolução. Por isso, a primeira coisa para se ler não só Lacan, mas todo autor psicanalítico relevante, é levar em conta que os conceitos clínicos nunca são simplesmente conceitos clínicos.

BFP - Então esse caráter dialógico de Lacan não é excepcional...

V.S. - Não, é como em qualquer outro bom psicanalista, talvez em Lacan isso fique mais evidente. Freud também é muito claro nesse ponto. De onde vem o conceito de *Trieb*, de pulsão? Fala-se de *Trieb*, desde o começo do século XIX, e em vários casos de uma maneira muito próximo ao que Freud desenvolve. Freud mesmo reconhece a proximidade com Schopenhauer. Para ler Freud não seria necessário também fazer esse tipo de articulação? Tal articulação tem uma virtude: ela nos mostra como discursos, que não são vinculados estritamente à clínica, interferem na concepção da nossa visão de normalidade e patologia. Interferem não só na nossa concepção, mas também no nosso modo de direcionamento do tratamento das ditas doenças mentais. E acho que psicanálise é ponto privilegiado para demonstrar isso. Porque Freud nunca teve problema em escrever muito mais do que poderia se esperar de um médico. Ele escreve sobre teoria social, sobre estética, faz uma série de reflexões antropológicas. Desde seu início, a psicanálise tem essa natureza discursiva híbrida, que no fundo apenas evidencia com mais clareza um dado constitutivo de toda a clínica das ditas doenças mentais.

BFP - Como se deu a formação de Lacan? Qual a história dele para ter tanta cultura, dialogar com tantas áreas do conhecimento?

V. S. - Ele tem uma formação psiquiátrica clássica e tinha interesses filosóficos muito grandes, além de uma grande frequência no interior do meio artístico-literário, isto desde o surrealismo.

BFP - Até que ponto pode-se dizer que Lacan é freudiano? Quais são os conceitos-chave que distinguem as propostas de Lacan e Freud? Há conciliação possível entre lacanianos e freudianos?

V. S. - Durante muito tempo se insistiu no chamado retorno a Freud de Lacan. Isto teve um lado bom e outro ruim. O lado bom é demonstrar uma espécie de radicalidade da experiência freudiana que tinha se perdido, principalmente pela insistência que Lacan teve em relação a alguns conceitos que eram vistos mesmo pelos psicanalistas como entulhos metafísicos no interior do pensamento freudiano, como o conceito de pulsão de morte, a irredutibilidade do conflito pulsional. A única psicanalista que dava importância ao conceito era Melanie Klein. Da mesma forma, a extensão do conceito de narcisismo.

Agora, por outro lado, o problema foi que muitos aprenderam inicialmente a ler Lacan e só depois a ler Freud. Freud nada mais era do que uma espécie de Lacan prévio, uma espécie de antecâmara para o pensamento lacaniano; e isso está longe de ser verdade. Há distinções muito grandes no pensamento de um e de outro. Há mesmo concepções de clínica muito distintas nos dois casos, diferentes modos de intervenção. Há todo um Freud também que se perdeu um pouco por causa desse tipo de leitura do Lacan. Só para se ter uma idéia: até o final, a clínica freudiana está baseada em três modos de subjetivação: a simbolização, a verbalização e a rememoração. Esses elementos desaparecem em larga medida no Lacan. A idéia de rememoração dá lugar à certa insistência da noção de repetição,

a idéia de simbolização dá lugar à noção de formalização, mesmo a noção de verbalização opera de maneira muito diferente nos dois, já que, no caso de Lacan, ela é pensada no interior de uma teoria do ato. Há diferenças substanciais - o que é normal no interior de uma experiência intelectual fundamental, como é a psicanálise. Isso demonstra claramente como essa visão tosca, de que a psicanálise seria uma espécie de discurso estático, que sempre tem que voltar ao seu primeiro fundador para poder encontrar sua orientação, está longe da verdade. Isso é uma visão totalmente ignorante do que foi a história da psicanálise.

BFP - Há muitos autores que tomam os últimos textos de Freud como, por exemplo, *Construções em análise*, e trabalham como semelhanças entre Freud e Lacan. A dúvida é: há realmente semelhanças ou a leitura de Freud influenciada pela de Lacan nos conduz a ver um "determinado Freud"?

V.S. - É inegável que há proximidades grandes entre Lacan e Freud; o que estou tentando insistir simplesmente é que não se pode ler um como continuidade do outro. Os problemas de Freud são uns, os problemas de Lacan são outros. Mesmo a maneira como que cada um parte da clínica: Freud parte dos estudos da histeria, sua grande clínica é a clínica da histeria, na melhor das hipóteses é uma clínica das neuroses. Lacan parte da paranóia, sua questão fundamental é constituir uma clínica diferencial das psicoses, essa é uma questão que volta a todo momento.

BFP - Lacan não partiu de Freud...

V.S. - Ele não partiu de Freud. A tese de doutorado de Lacan, embora tenha reflexões freudianas, apresenta um conjunto de problemas que são problemas que Lacan desenvolve a partir de questões próprias, de experiência clínica própria, experiência de um jovem psiquiatra no interior de uma chefatura de polícia, que se confronta com o problema da paranóia, porque seus professores, como Clerembault, eram extremamente dedicados a esse tipo de

problema, e não eram professores que tinham relação com a psicanálise, embora Henri Claude, que foi seu orientador, tivesse, mas está longe do que pode ser chamado de freudiano. Tudo isso deve ser levado em conta. O que Lacan fez, e esse é um ponto muito importante, foi recuperar a radicalidade do espírito da psicanálise freudiana. Da mesma maneira como os surrealistas procuraram recuperar a radicalidade da experiência freudiana para uma crítica da razão. Agora se vocês querem uma sugestão: leiam Freud a partir de Freud, leiam Lacan a partir de Lacan. Leia Freud reconstituindo o interior das discussões freudianas, reconstituindo a dinâmica dos problemas de Freud, indo mesmo ver, em relação à teoria da sexualidade de Freud, quais foram as confrontações de época, como Freud se apóia na literatura da época, porque isso é um primeiro passo, mas é um passo enorme, se feito da maneira adequada. E o mesmo acontece com Lacan.

BFP - Em qual corrente filosófica se inscreve o chamado "último" Lacan, ou um conceito como o de Real, por exemplo?

V. S. - O conceito de Real está presente muito claramente já desde o Estádio do Espelho, como a idéia da negatividade existencial, como a idéia da deiscência originária, da discórdia primordial, em relação ao corpo libidinal polimórfico da criança. Ele está lá, mas não tematizado.

Nos últimos trabalhos de Lacan, principalmente esses que vão a partir da ida dele à Escola Normal, em 1964, vê-se uma preocupação muito grande com o estatuto do discurso psicanalítico. Isso é muito claro no desenvolvimento dos seminários. Há um primeiro momento dos seminários onde encontramos Lacan discutindo os textos dos casos freudianos e alguns conceitos centrais do Freud: o caso Dora, Pequeno Hans, o Presidente Schreber, assim como vários conceitos de Freud, como angústia, identificação, etc. A grande exceção neste momento é o Seminário VII, uma articulação extremamente particular de Lacan.

Depois disso há um momento onde o estatuto da psicanálise como discurso é discutido: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise; o ob-

jeto da psicanálise; e os problemas cruciais da psicanálise. Isso vai levar a uma situação própria dos últimos seminários, onde o problema da formalização ganha uma importância muito grande: Qual é a forma adequada não só para se transmitir a psicanálise, mas para retirar o sujeito das ilusões naturalizantes da linguagem ordinária? Daí o recurso cada vez mais forte à lógica, à topologia. Nesse momento, as referências a casos clínicos praticamente desaparecem ou são radicalmente secundarizadas. Nos primeiros seminários, há os casos clínicos de Freud, de Kris, de Ella Sharpe, Klein, Lucie Tower, etc. Já nos últimos seminários as referências a casos clínicos desaparecem completamente, a não ser a respeito dos casos que ele já tinha comentado antes, que ele relembra e faz pequenos adendos, correções.

Esse é um dado muito interessante porque demonstra muito claramente o tipo de problema que estava realmente lhe interessando. Eu diria que se tratava muito mais de um problema epistemológico sobre a psicanálise. Por isto, creio muito difícil, e nisto concordaria com Christian Dunker, desenvolver uma espécie de clínica desse último momento de Lacan.

BFP - Qual a influência do pensamento de Lacan fora da psicanálise? Ela se estende para outros campos filosóficos, para as ciências humanas, ou se restringe à psicanálise?

V.S. - Quando Lacan morreu, vários detratores imaginavam que seu pensamento desapareceria em questão de meses, porque não haveria nada de sólido e substancial. O tempo demonstrou o contrário. Lacan se transformou numa referência intelectual muito importante, não só no campo da psicanálise, mas no campo das ciências humanas em geral, para a estética e a filosofia. No campo da estética você tem grandes críticos de arte que dialogaram com o pensamento lacaniano, eu lembraria o Hal Foster, Rosalind Krauss, Georges Didi-Huberman. Na teoria literária, há uma infinidade de trabalhos que tem como referência o pensamento lacaniano. No campo da política e da filosofia, lembraria de Slavoj Žižek, Alain Badiou, Ernesto

Laclau, na teoria de gênero, Judith Butler. Fora Freud, Lacan foi o único que conseguiu se transformar numa referência fora do campo estritamente clínico psicanalítico, e isso é uma coisa a ser relevada, porque demonstra a capacidade de trabalhar questões que, para a nossa época, são em geral questões da mais extrema relevância. Freud fez isso. Sua importância não foi só apenas ter desenvolvido uma clínica bastante inovadora, no que diz respeito ao tratamento das doenças mentais, de afecções mentais, mas também ter instaurado uma cultura na qual o século XX se desenvolveu. A cultura psicanalítica - e digo cultura psicanalítica no sentido forte do termo, ou seja, um elemento fundamental da reflexão psicanalítica que entra no campo da cultura, é uma das peças maiores do século XX. É impossível entender o século XX, suas aspirações, utopias, boa parte das suas lutas, sem passar pela psicanálise. Diria que esse tipo de processo de certa maneira teve uma continuidade com Lacan.

BFP - Você diria que Deleuze é um desses autores que tem Lacan como eixo?

V. S. - Sim, de uma maneira muito peculiar, mas sim. Até 1969 Deleuze era um grande leitor da psicanálise. Até no texto como *Diferença e repetição* a presença da psicanálise é muito clara e muito importante. *Diferença e repetição* traz, talvez, uma das melhores páginas sobre a pulsão de morte que conheço. *Lógica do sentido*, que é um livro que também saiu na mesma época, tem páginas muito esclarecedoras sobre o conceito de objeto a, sobre o conceito de falo. É com *Anti-Édipo* que sua abordagem muda radicalmente. Neste caso, eu diria que é muito mais uma crítica a essa cultura psicanalítica do que à conceitografia lacaniana, pois são vários conceitos do Lacan que Deleuze ainda conserva, embora o conceito de desejo como negatividade, é sua grande *bête noir*.

Eu diria que esse debate entre Deleuze e a psicanálise é um debate que está começando a ser feito de uma maneira mais adequada só agora, onde se vê exatamente quais são os elementos que levaram a ruptura de

Deleuze com a psicanálise, e até que ponto mesmo essa ruptura só foi possível graças à psicanálise, ou seja, graças àquilo que ele conserva. Diria que é impossível entender a idéia de corpo sem órgão, por exemplo, sem entender a noção de corpo libidinal de Freud. Eu até diria que, para entender um projeto como *Anti-Édipo*, é muito mais importante entender qual era o lugar social do psicanalista numa sociedade de capitalismo tardio como a sociedade francesa.

BFP - Apesar de toda essa pertinência filosófica, de toda essa importância do pensamento psicanalítico na filosofia e em outros campos, por que ela perdeu tanto espaço na cultura na mídia, por que ela está tão desprestigiada hoje?

V. S. - Minha leitura é um pouco diferente, primeiro acho que principalmente no que diz respeito ao Brasil, seu espaço não é pequeno, ao contrário, é um espaço que está muito evidente nas universidades. No Brasil, não é possível um curso de psicologia que não tenha ao menos uma ou duas cadeiras de psicanálise, você sempre tem resenhas de livros de psicanálise em jornais de grande circulação. Minha leitura é pouco mais nuançada, principalmente no que diz respeito à realidade brasileira. Ocorreu uma aclimação da psicanálise no interior do debate nacional muito interessante e muito particular, talvez devido ao fato de ninguém poder se formar em psicologia nesse país sem ter lido Freud. Isso é uma coisa muito importante, que deve ser defendida custe o que custar, porque faz uma grande diferença. Um dos grandes erros da psicanálise na Europa foi não ter assumido isso como necessidade, ou seja, colocar a psicanálise no interior da universidade. Havia toda aquela estória: "ah não, nós vamos colocar a psicanálise no campo da psicologia geral...". Bem, diria que os resultados brasileiros são muito mais interessantes.

Dito isto, é fato que há uma configuração mundial de fortalecimento não só das neurociências, mas da psicologia cognitiva, e isso, eu diria, contra não só a psicanálise como prática clínica, mas contra essa a cultura psicana-

lítica em geral. Por exemplo, no caso das depressões, vimos inicialmente a atomização de sua incidência em relação a estruturas mais amplas do comportamento. Logo em seguida, impôs-se uma perspectiva de esvaziamento completo daquilo que poderíamos chamar de implicação subjetiva na construção da situação patológica. Tudo isso é o resultado mais do que esperado de certa transformação da psiquiatria. Talvez seria o caso de desenvolver a idéia de Foucault sobre a psiquiatria como setor fundamental de uma certa política ligada a dispositivos disciplinares, um tipo de gestão da normalidade como padrão. Já não temos mais espaço para desenvolver uma das grandes idéias da psicanálise, a saber, os processos gerais de socialização produzem patologias. A maneira com que nossa família é constituída, a maneira com que nossos vínculos sociais são constituídos, a maneira como nossa relação à linguagem é constituída, produz patologias. Quer dizer: retirar a cultura psicanalítica significa um pouco tentar eliminar esse tipo de questão. Freud não era aquele que deixou para nós a idéia de que o enfraquecimento do laço familiar produz uma série de patologias sociais muito importantes. Ele é aquele que dizia: a família é um núcleo produtor de neuroses. Neste sentido, ele nos coloca diante de uma exigência de repensar profundamente a natureza de nossos vínculos sociais, a natureza de nossas estruturas institucionais. Claro que esse repensar é um movimento de idas e vindas, que nos faz testar, voltar atrás, depois retomar esse processo em outras bases. Ele exige uma revolução contínua das nossas estruturas sociais. Eu diria que retirar a cultura psicanalítica da circulação social implica fundamentalmente tentar calar esse tipo de problema.

BFP - Seus textos têm um rigor teórico admirável e ao mesmo tempo a idéia de liberdade perpassa tudo o que você escreve... Você poderia nos falar um pouco sobre a liberdade?

V. S. - Eu teria a dizer o seguinte: uma das características mais importantes da psicanálise, a meu ver, é a abertura que ela dá à reconstrução das bases

da crítica social. Não é possível pensar a psicanálise sem compreender primeiro como ela foi fundamental na construção da crítica social no século XX, como em vários momentos ela foi retomada como elemento decisivo para que nosso quadro de aspirações sociais pudesse ser efetivado. Ela insiste que não há sintoma estritamente individual; o sintoma é relacional; algo que só pode ser compreendido no interior dos modos de relação entre o sujeito e o Outro, o sujeito e a estrutura social, o núcleo familiar, etc.

É muito engraçado porque os surrealistas perceberam algo muito mais rapidamente que o próprio Freud. Freud não entendia por quê artistas de vanguarda se interessavam por uma prática de cura de neuroses como a psicanálise. No entanto, eles entenderam que o que estava sendo colocado em questão era um vínculo muito interessante entre crítica da razão, crítica social e crítica de nossas formas de vida. No fundo, a psicanálise abriu o campo para que essa articulação tripla pudesse se desenvolver e de fato isso aconteceu no século XX em vários momentos.

Por outro lado, percebam como uma das questões maiores de Lacan é: Qual tipo de vínculo social pode dar conta dessas pessoas que passaram pela experiência analítica, que passaram pelo final de análise? Talvez Lacan seja o único psicanalista para o qual o problema da escola dos analistas, do vínculo social dos analistas é um problema interno à análise, interno à dinâmica de análise. Eu diria que isso foi visto de maneira cada vez mais forte nos últimos 15-20 anos. Levando isso em conta, parece-me que não é possível nenhum tipo de reflexão rigorosa sobre a psicanálise que não procure estar, a partir do que a psicanálise nos ensina, extremamente atento e vigilante a todas as formas de controle social que ainda existem de maneira cada vez mais forte, a todas as formas de disciplina que existem de maneira cada vez mais forte.

Não é por acaso que com a transformação da nossa forma de vida em padrão fundamental e intransponível, como se tivéssemos alcançado uma espécie de limiar de processo histórico, a crise da psicanálise come-

cou a ser veiculada de maneira cada vez mais forte. No meu ponto de vista, não é um acaso que quando nossa forma de vida ligada às sociedades ocidentais capitalistas se transformou naquilo que deve ser defendido custe o que custar - como se tudo o mais fosse barbárie e regressão - é exatamente o momento em que a ideia da crise da psicanálise foi veiculada. Pois é necessário, para que nossas sociedades continuem tais como são, que a psicanálise desapareça de uma vez por todas, que a psicanálise não deixe mais rastros, porque ela nos desacostuma às nossas formas de vida, ela é um elemento crítico fundamental das nossas formas de vida. Ela é uma crítica das ilusões da nossa idéia de autonomia, de naturalidade.

Vejam, eu chegaria mesmo a dizer que não é possível continuar tendo o mesmo modo de relação de objetos, relação via consumo, relação fetichista de objetos, passando por uma experiência analítica. Se isso continua da mesma forma, é porque houve um problema com essa experiência analítica.

BFP - Você poderia falar mais sobre essa ideia que para Lacan o vínculo entre psicanalistas é inerente à própria experiência psicanalítica e como as instituições psicanalíticas poderiam lidar com isso?

V. S. - Para Lacan o processo de final de análise é indissociável de uma mudança qualitativa entre o sujeito e a linguagem, entre sujeito e Outro, que fornece a racionalidade do universo sócio-simbólico. Esse é um elemento maior do processo de final de análise. A questão é como o sujeito então volta ao universo sócio-simbólico; em que condições ele volta; porque a princípio esse retorno nunca poderia ser um retorno que conservasse esse sistema tal como ele aparecia anteriormente; há uma mudança qualitativa nessa relação, mudança nos dois polos: uma mudança qualitativa na posição do sujeito, que passa por uma destituição subjetiva, há uma mudança qualitativa no Outro: o Outro cai. Isso nos leva necessariamente à problematização da natureza do vínculo social. Uma maneira que Lacan teve de conseguir dar conta desse processo é elevar o problema do vínculo

dos analistas ao momento fundamental do processo analítico. Mas como não é possível fazer mudanças macroestruturais você cria grupos. E de fato há toda uma dinâmica dos grupos, todo mundo conhece os grupos lacanianos, que têm uma série de questões; alguns funcionavam como uma espécie de sociedade à parte, em larga medida. Muitos veriam isso como uma crítica: eu veria como sintomas de uma análise muito precisa sobre um problema maior deixado por Lacan. Sua reflexões sobre a forma-escola têm essa vantagem. Agora, as dificuldades no interior das instituições psicanalíticas, os problemas que todos conhecemos, relacionados às instituições, à sua natureza, são problemas que não são extemporâneos à necessidade de uma reflexão mais depurada sobre essa nova natureza de vínculos sociais pós-analíticos, pós-final de análise. Esta é uma questão que ficou como saldo da experiência lacaniana, uma questão que merece ser pensada de uma maneira muito profunda.

Vladimir Pinheiro Safatle

3091 3709

www.fflch.usp.br/df

Maria Helena Saleme

Rua Jerico, 255 - cj 64

05435-040 - São Paulo, SP

3813 6174

sa-leme@uol.com.br

Vera Warchavchik

Rua Ferreira de Araújo 385

05428-000 - São Paulo, SP

3812 1753

A Normopatía na Formação do Analista

Maria Helena Saleme

São Paulo: Escuta, 2008, 152 páginas

**Formação x Formatação Psicanalítica:
O que a instituição tem a ver com isso?**

Marina Fibe De Cicco

Membro acadêmico e do
Grupo de Resenha da
Comissão de Publicação do
Departamento Formação
em Psicanálise do Instituto
Sedes Sapientiae

O livro *A Normopatía na formação do analista*, de Maria Helena Saleme, foi lançado há menos de um ano, mas já é referência obrigatória nos debates em torno da regulamentação da psicanálise e da formação de analistas. Ao abordar sem rodeios os paradoxos em que se vêem enredadas as instituições psicanalíticas, a autora convoca psicanalistas experientes e aprendizes a refletir sobre os desafios da formação: como transmitir sem julgar, como preservar a psicanálise sem eternamente repetir, como seguir regras e criar? Apesar dos impasses inerentes ao assunto, Saleme assume posições claras, demonstrando que rituais como estatutos, diplomas e análise obrigatória não garantem a formação do psicanalista.

A dissertação de mestrado que deu origem ao livro foi elaborada a partir de uma inquietação: o que acontece durante o processo de formação psicanalítica que os alunos entusiasmados do primeiro ano chegam ao fim do curso carentes da vivacidade e brilho do começo? A resposta a esta questão vai sendo construída aos poucos, tecida entre a história do movimento psicanalítico, o pensamento libertário de Ferenczi, o conceito de

normopatia de Joyce McDougall e reflexões sobre uma possível *clínica da afetação*. A autora articula os diferentes temas de maneira singular, visando demonstrar como as muitas regras impostas pelas instituições podem criar simulacros de analistas: seres aparentemente adaptados, mas incapazes tanto de se deixar afetar pela experiência analítica quanto de produzir tal vivência em seus analisandos.

Para Saleme, os simulacros caracterizam-se tanto por um apego irrefletido a regras quanto pela impossibilidade de afetação, dando lugar ao analista-intérprete do recalque e impedindo que apareça o analista vivo que a clínica atual, pós-teorização da pulsão de morte, parece demandar. Diferente do analista rígido, a autora mantém um tom pessoal e muito próximo, e desidealiza o próprio Freud ao mostrar como também ele esteve "sujeito a impasses e erros provocados por seu desejo". Não por acaso, Saleme se ocupa longamente das ideias de Ferenczi, analista que encarna o antinormopata por não ter se prendido a regras vazias, mas sim à ética, ao método e à proposta libertária da psicanálise. Saleme percorre o pensamento do autor de maneira leve e sensível, mostrando como suas contribuições podem enriquecer o trabalho clínico e despertando no leitor grande interesse por sua obra. Inspirada por Ferenczi, a autora termina o livro dialogando com José Gil para indicar como o analista livre de modelos poderia escutar o corpo e dar voz às sensações presentes no encontro analítico. Neste capítulo fica evidente como a interlocução com outros campos da área de humanas pode ser profícua, dando ao analista novo fôlego para pensar a clínica e permitindo que se renovem idéias desgastadas pelo diálogo com iguais.

Intencionalmente provocadora, Saleme atinge tanto aprendizes quanto formadores ao afirmar que muitos analistas correm o risco de se aproximar da normopatia durante a formação. No prefácio do livro, Joel Birman confirma a pertinência de tal proposição ao declarar que a normopatia é exatamente o que impede a psicanálise de suportar a alteridade, levando a uma perda importante, se não irreversível, de potência criativa na comunidade psicana-

lítica. Diante de tal constatação, somos todos impelidos a rever nossas motivações, posturas e práticas. É por causar questionamentos e desconfortos que a autora mostra-se coerente com uma de suas principais propostas, que é a de resgatar a noção de transgressão saudável, transgressão como gesto criador que, segundo Piera Aulagnier, desmonta verdades e incita à desnaturalização de formas de atuação sempre idênticas a si mesmas.

Saleme não visa propor soluções, mas sim gerar reflexão e pedir que o objetivo político das instituições se subordine ao seu objetivo ético. A maior preocupação da autora é recuperar a psicanálise e o analista vivos, criticando os rituais institucionais que favorecem a submissão. Ao mesmo tempo em que convida os aprendizes a se autorizarem a criar em meio a tudo que nas instituições conspira contra a transgressão saudável, o trabalho da autora indica a necessidade de novos debates sobre o que as instituições poderiam fazer para evitar criar um a mais de apatia ao reforçar a posição infantil e passiva dos aprendizes. Além de fornecer elementos para que se continue pensando sobre como a instituição pode lidar com sua situação impossível, o livro tem grande mérito por desencadear em nós, analistas em formação, um movimento de resgate e validação do que cada um tem de mais singular, propondo que possamos sustentar isso apesar de nossa angústia e do risco de formatação a que estamos expostos nas instituições. Ainda assim, a formação parece tão difícil e sem garantias que fica a pergunta: Do que, afinal, depende uma formação psicanalítica? Se nem a instituição nem os diplomas podem assegurá-la, restar-nos-ia apelar a um talento especial, a uma espécie de dom? Embora Saleme demonstre que o analista só pode se formar em uma análise autêntica, permanece incerto e inapreensível aquilo que demarcaria a legitimidade da formação.

Marina Fibe de Cicco

Rua Cristiano Viana, 441, cj. 45

05411-000 - São Paulo, SP

(11) 3063 1591

marinafibe@hotmail.com

Complexo de Édipo:

Novas Psicopatologias, Novas mulheres, Novos Homens

Nora Beatriz Susmansky de Miguelez

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, 181 páginas

Mônica Salgado Ferreira

Psicanalista, membro do Grupo de Resenha da Comissão de Publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Este livro originou-se da tese de doutorado da autora junto ao programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, a partir de uma questão norteadora: É possível relativizar a universalidade e a transcendência que Freud atribui ao complexo de Édipo?

O olhar sério e apurado faz com que a autora se depare com novas dúvidas e questionamentos aos quais ela não se desvia, mas propõe, com firmeza de quem conhece e se encanta com as descobertas, uma crítica do conceito freudiano considerando a história e a teoria, num sentido amplo (no que se refere à sexualização) e num sentido mais estrito (relacionado à escolha da neurose).

Se a análise profunda do complexo edípico já constitui uma extensa e árdua tarefa, a autora pretende ainda mais, estendendo sua pesquisa de modo a pensar não apenas as ditas novas psicopatologias, mas também as novas formas de subjetivação na atualidade.

Após revisão criteriosa, apoiada na teoria freudiana e nas interrogações surgidas em sua própria clínica, a autora convoca para um diálogo interessante e instigante alguns psicanalistas franceses que, no seu entender, privilegiam e incluem a conflitiva edípica como ponto central no

questionamento da subjetividade contemporânea. Inicialmente, Nora nos conduz pelos caminhos da teorização de Freud sob o complexo de Édipo, desde a sua pré-história até chegar à síntese que propõe o complexo de castração como determinante no interior do Édipo e responsável tanto pela sexuação masculina e feminina, quanto pela "escolha" da patologia. É a partir daí, que o leitor poderá escutar ecos do que dizem J. A. Miller, Rassial, Lebrun e Melman, ao anunciarem a decadência da função paterna na atualidade, o vazio de autoridade decorrente da mesma e o risco de que as proibições fundantes não sejam mais transmitidas. O que seria possível esperar de posições tão catastróficas? Homens e mulheres sujeitos a uma adolescência infinita ou cujo destino seria a perversão? Psicanalistas adeptos dessas teorias, militantes de uma política cujo objetivo seria restaurar o poder paterno?

A autora não desanima nem se intimida. E é como alguém que escuta, indaga e provoca que ela se coloca frente a essas propostas. Primeiro, afirmando o poder restrito que a análise tem em modificar o peso e a ação das determinações culturais nos sujeitos. Segundo, perguntando: Por que a decadência do pai ao produzir pseudoadolescentes, perversos ou psicóticos, deixaria de fora os próprios analistas? Concorda com eles em relação à decadência da figura paterna, mas discorda da conclusão excessiva e catastrófica de que tal fato implicaria na falência da humanidade como tal.

Para Nora, ainda que o lugar do pai tenha se esvaziado de muitos de seus predicados, novos poderes ocuparam seu lugar, produzindo novos representantes que ainda transmitem as proibições fundantes. Apoiase nas hipóteses de Foucault e nas reflexões de Agamben a respeito do peso que ameaça de exclusão todo sujeito contemporâneo que não respeita os padrões normativos e axiológicos, éticos e estéticos do biopoder. Para esses autores, novas angústias substituiriam as clássicas impedindo o *laissez-faire* que a decadência do pai poderia provocar.

Para alguns psicanalistas brasileiros também consultados o esvaziamento do poder paterno não é visto de maneira tão trágica ou catastrófica, mas sim como estímulo na identificação de novas figuras que ocupariam o lugar deixado vago pela decadência do pai. Dessa forma, ainda que a autora concorde com Birman, Gondar, Antunez e Santos, diferenças importantes são ressaltadas por ela. Sob o olhar de Nora, a posição desses autores, que acreditam que novos poderes não seriam capazes de sustentar a constituição de uma subjetividade contemporânea, gerando indivíduos que ficariam parcial ou totalmente fora da simbolização, é contraposto com a crença da autora de que novos poderes seriam sim capazes de manter vigentes as proibições fundantes, propiciando os processos de simbolização.

Assim, a autora vai aprofundando sua hipótese de que a verticalidade na relação hierárquica não será substituída pela falta de hierarquia, nem tão pouco por uma horizontalidade no que encontra apoio no pensamento de Foucault e nas contribuições de Zizek, Deleuze e Hardt.

Mas é com M.Tort, autor de *Fim do dogma paterno*, que Nora parece ter o maior respaldo para sua idéia de que a perda da potência paterna não determinaria a libertinagem social, acrescentando que essa potência foi transferida para outros campos que continuam atuando e assegurando não só a vigência da proibição do incesto, como as condições para o processo de subjetivação e a inclusão na cultura. A partir daí, as hipóteses que vinham sendo elaboradas desde o início do livro são reforçadas e complementadas, o que a leva a se assegurar da vigência do complexo de Édipo, pelo menos no seu sentido mais amplo, ou seja, aquele determinado pela proibição do incesto. Restaria ainda a sua revisão no sentido restrito.

E é ao final que a autora se propõe a esse trabalho, através de um retrospecto que visa olhar mais de perto como é que o sistema patriarcal foi sendo organizado e modificado no modo de lidar com essa proibição, des-

de Freud até a contemporaneidade. O que se pode constatar é que ainda que as diferenças entre homens e mulheres quase não existam mais nos âmbitos das leis civis, criminais e trabalhistas, isso não ocorre na vida concreta das sociedades. Com o passar do tempo o patriarcado perde a força, mas em sua questão central - o falicismo - continuaria a existir a partir de novos poderes através de novos agentes. Então, o Édipo não morreu! Com o passar dos tempos, o complexo de Édipo em sentido amplo e estrito passou por transformações que implicam consequências não só na vertente da sexuação como na "escolha da patologia", conclui a autora.

Voltando ao título do livro, gostaria de salientar o modo interessante e prazeroso como Nora nos brinda com esse relato histórico do complexo de Édipo, dos novos homens, das novas mulheres e das novas patologias. Para isso muito contribui o cuidado, a dedicação e a sensibilidade da autora que não abre mão, em nenhum momento, do rigor científico e de suas reflexões críticas. *Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens* é uma boa indicação para aqueles que desejam se aventurar nas vicissitudes do complexo de Édipo. Vale muito a leitura!

Mônica Salgado Ferreira

Rua Dona Antonia de Queiroz, 549 - cj. 408

013070-014 - São Paulo, SP

3237 1452

monicasalgado@terra.com.br

Contos do Divã

Silvia Loeb

São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, 150 páginas

Nora Beatriz Susmansky de Miguez

Psicanalista, doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP), membro efetivo e docente do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

O livro *Contos do divã* da psicanalista Sylvia Loeb (São Paulo: Ateliê Editorial/ Instituto Sedes Sapientiae, 2007) é, por muitas razões, um texto original e, como tal, resiste a uma classificação genérica. Como o título o indica, trata-se de "contos": só que esses contos são relatos de histórias e percursos psicanalíticos de pacientes da autora, recolhidos por ela ao longo de sua extensa prática clínica. No entanto, não se trata de "casos", nem de "vinhetas" a ilustrar hipóteses metapsicológicas ou psicopatológicas. A proposta é outra e Sylvia Loeb (p. 137 e 138) a explicita: "escrever a clínica sem os limites do discurso teórico", "contar o que se passa com as pessoas (...), o que se passa com o analista, no encontro (...), tão difícil". Ao mesmo tempo, ela mesma se admira pela seleção de "causos" que fez, sem perceber. Escolheu exatamente aqueles em que a análise foi interrompida pelo paciente, "os que não deram certo". Mas os relatos acertam o alvo e, mesmo sem teorizar, deixam acompanhar a filigrana da escuta analítica da autora que dá o tom de cada história.

A estrutura de "conto" dos capítulos e a *aparente* ausência de referenciais metapsicológicos abrem a porta para que leitores leigos tenham acesso ao livro. Na instigante leitura dos diálogos entre analisando e analista, eles poderão também usufruir as qualidades literárias do texto (por exemplo: "Ela saboreia as palavras... passa-lhes a língua..." (Loeb, 2007, p.13), o humor delicado que o permeia (entre outros, "Maria, Ana e

a questão judaica") e a ternura, sempre presente (ver "Efebo"). Mas também poderão acompanhar a dificuldade inerente a toda análise e sentir junto com a autora que foi uma pena sua interrupção. Talvez intuem a sombra do "fracasso" do analisando e do analista, sempre à espreita quando triunfa um "destino" que não se deixa modificar.

Eis aí que entram em jogo outros interlocutores: os analistas. Para eles, mesmo sem teorização explícita e *sem bibliografia* (!), a escolha dos casos que não tiveram finais felizes ilustra de um modo incisivo e nada acadêmico a metapsicologia freudiana da compulsão da repetição, da pulsão de morte, do gozo a ser perpetuado às custas da interrupção da análise. Por isso, o fato de todas as pacientes serem "Maria" e os pacientes "João" ecoa esse viés sinistro que protagoniza o jogo mortífero que Sylvia recorta com toda precisão. O analista-leitor, feito "Ana", espelha-se numa experiência que também é a sua.

Os "contos" mais comprometidos com essa problemática compõem a primeira parte do livro. Na segunda, o diálogo entre analisando e analista não está explícito e os relatos são compostos na terceira pessoa e, às vezes, na primeira. Alguns, ainda, têm "finais felizes" ou indicam que uma elaboração das armadilhas da repetição está em processo, até dentro de um grupo familiar. São instantâneos aparentemente ficcionais, mas que se sustentam nos restos transferenciais da escuta analítica da autora, uma escuta que estabelece a ponte entre ambas as partes do livro.

Então: clínica sem teorização, possibilidades de acesso para o leitor leigo, recortes que expressam sua riqueza para o analista sagaz... e *nadinha* de bibliografia. Para complementar a originalidade do texto, uma inusual terceira parte, na qual quatro prestigiosos e experientes colegas analistas, de instituições e referenciais teóricos diferentes (Cristina Perdomo, Luiz Carlos Menezes, Silvia Leonor Alonso e Sérgio Telles) tecem interessantes considerações sobre o livro de Sylvia e expressam um prazer e um interesse na leitura que, sem dúvida, compartilho com eles.

Nora Beatriz Susmansky de Miguez

Rua Capote Valente, 439, cj 113
05409-001 - Pinheiros - São Paulo, SP
3081 1829
noramig@uol.com.br

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO¹

1 Baseadas no estilo de normalizar de acordo com as Normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR 10.520, 2002).

1. Linha Editorial

O *Boletim Formação em Psicanálise*, revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem por proposta editorial a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins, numa tendência contemporânea de integração e complementaridade. Nesse sentido, valorizamos a diversidade na busca de articulações com outras áreas e conhecimentos, tendo como finalidade maior a busca da compreensão do sofrimento humano e a constante (re)construção metapsicológica.

2. Normas Gerais

Os originais devem ser enviados para a Comissão Editorial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* (endereço na última página da revista). Se o material estiver de acordo com as normas estabelecidas pela revista, ele será submetido à avaliação do Conselho Editorial. O artigo será lido por dois membros do Conselho, que poderão rejeitar ou recomendar a publicação de forma direta ou com sugestões para reformulações. Caso não haja consenso, haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o material, este será rejeitado para publicação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:

Instituto Sedes Sapientiae

Departamento Formação em Psicanálise

Rua Ministro de Godói, 1484

05015-900 – São Paulo, SP / Brasil

Tel/Fax: (11) 3866 2730

3. Tipos de Trabalhos

Além de artigos, a revista publica leituras (comunicações, comentários e resenhas de livros), conferências, entrevistas e traduções.

A tradução deve apresentar também uma cópia do trabalho original, com todas as indicações sobre a edição e versão de que foi traduzida, acompanhada da autorização do autor.

4. Apresentação dos Originais

Os originais deverão ser enviados em três cópias impressas, acompanhadas de uma cópia eletrônica em disquete ou CD no padrão *Word for Windows 6.0*.

Padrão gráfico indispensável na digitação do texto:

- o texto deverá ser digitado em uma só face (frente);
- fonte *Times New Roman*;
- corpo 12;
- espaço duplo entre linhas;
- mudança de parágrafo na primeira linha;
- *não* utilizar recursos especiais de edição na cópia em disquete ou CD (macros, justificação, etc.);
- utilizar *itálico* para palavras estrangeiras ou para destaque de palavras;
- *não* usar sublinhado;

- o **negrito** deve ser restrito ao título do artigo e aos subtítulos das seções.

Folha de rosto – deverá constar o título do trabalho em português; nome do autor e sua qualificação (3 linhas no máximo); endereço (com CEP); telefone/fax (com DDD); endereço eletrônico (e-mail). O nome ou qualquer identificação do autor deverá constar *apenas* na página de rosto de modo a garantir o anonimato do autor durante o processo de avaliação do seu trabalho.

Folha de resumo – deverá constar o título do trabalho em português; resumo em português (no máximo 10 linhas) com palavras-chave (no mínimo 3 e no máximo 5); título do trabalho em inglês; *abstract* com *keywords* (no mínimo 3 e no máximo 5). Os resumos e as palavras-chave devem ser digitados em *itálico*.

5. Citações

As citações são feitas pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável ou ainda, caso a autoria não seja declarada, pelo título de entrada, seguido da data de publicação do documento, separado por vírgulas e entre parênteses.

Citação textual

- Até 3 linhas – deve ser inserida no corpo do texto, entre aspas e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. *Exemplo*: Ferraz (2000, p. 20) considera “como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados *com* o consentimento formal do parceiro”.
- Com mais de 3 linhas – deve aparecer em destaque e com recuo de margem esquerda de 4 cm, sem aspas, espaço simples, corpo 11 e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de

referência. *Exemplo:*

Freud (1905/1980, p.86) ensina:

Esse último exemplo chama atenção para o fato de que é essencialmente a unificação que jaz ao fundo dos chistes que podem ser descritos como “respostas prontas”. Pois a réplica consiste em que a defesa, ao se encontrar com a agressão, “vira a mesa sobre alguém” ou “paga a alguém com a mesma moeda” – ou seja, consiste em estabelecer uma inesperada unidade entre ataque e contra-ataque.

Citação indireta

O sobrenome do autor é apresentado dentro dos parênteses em letras maiúsculas seguidas, seguido do ano da publicação. *Exemplo:* Em O mal-estar na civilização Freud faz um esforço para circunscrever o mal-estar na modernidade ao tecer seus comentários sobre as relações entre sujeito e cultura (BIRMAN, 1997).

Citação de autor

- No corpo do texto deverá constar o sobrenome do autor acrescido do ano da obra. *Exemplo:* Reik (1948).
- Fora do corpo do texto (citação indireta) o sobrenome do autor deve vir em letras maiúsculas, seguido do ano da publicação entre parênteses. *Exemplo:* (REIK, 1948).
- No caso de dois ou três autores os sobrenomes devem ser ligados por “&” no corpo do texto e por “;” fora do corpo do texto.

Exemplo: Ades & Botelho (1993) ou (ADES; BOTELHO, 1993).

- Caso tenha mais de três autores, deverá aparecer somente o sobrenome do primeiro, seguido da expressão “*et al.*”. *Laing et al.* (1974) ou (LAING *et al.*, 1997). Obs.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.
- Em caso de autores com o mesmo sobrenome, indicar as iniciais dos prenomes. *Exemplo:* Oliveira, L. C. (1983) e Oliveira V. M. (1984) ou (OLIVEIRA, L. C., 1983; OLIVEIRA V. M., 1984).
- Se houver coincidência de datas de um texto ou obra do mesmo autor, distinguir com letra minúscula, respeitando a ordem alfabética do artigo. *Exemplo:* Freud (1915a, 1915b, 1915c) ou (FREUD, 1915a, 1915b, 1915c).
- Caso o autor seja uma entidade coletiva, deve ser citado o nome da entidade por extenso. *Exemplo:* American Psychological Association (2000).
- No caso de autores cuja obra é antiga e foi reeditada, citar o sobrenome do autor com a data publicação original, seguida da data da edição consultada. *Exemplo:* Freud (1915/1980) ou (FREUD, 1915/1980).

Citação de citação – Utilizar a expressão “citado por”. *Exemplo:*

Para Rank (1923) citado por Costa (1992)...

Citação de depoimento ou entrevista – As falas são apresentadas no texto seguindo-se as orientações para “citações textuais” e devem vir em *itálico*. *Exemplo:* O relato a seguir ilustra bem esse aspecto: “*O fim da gestação é uma morte*”.

Citações de informações obtidas por meio de canais informais (aulas, conferências, comunicação pessoal, endereço eletrônico – Acrescentar a expressão “informação verbal” entre parênteses após a citação direta ou indireta, mencionando os dados disponíveis em nota de rodapé. *Exem-*

Exemplo: Freud foi influenciado pelas idéias de Darwin. (Informação verbal)².

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

Citação de trabalhos em vias de publicação – Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão “em fase de elaboração”. *Exemplo:* Besset (em fase de elaboração) ou (BESSET, em fase de elaboração)

Obs.: É necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

Citação de eventos científicos (Seminários, Congressos, Simpósios, etc) que não foram publicados – proceder da mesma maneira que para *canais informais*.

Citação de Homepage ou Website – cita-se o endereço eletrônico de preferência após a informação e entre parênteses. *Exemplo:* (www.bvs-psi.org.br)

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

6. Notas de rodapé

Caso sejam indispensáveis, as notas devem vir na mesma página em que forem indicadas, usando o programa automático do *Word*. As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do texto, NÃO em notas de rodapé.

7. Referências

Devem vir no final do texto, com o título ‘**Referências**’, relacionadas em ordem alfabética pelos sobrenomes dos autores em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome e cronologicamente por autor. Quando há várias obras do mesmo autor, substitui-se o nome do autor pelo equivalente a seis espaços, seguido de ponto. *Exemplo:*

Referências

BIRMAN, J. ... 1992. (com apenas um autor)

_____ 1997a.

_____ 1997b.

JERUSALINSK, A.; TAVARES, E. E.; SOUZA, E. L. A. ... (com dois ou três autores)

LAING, P. *et al* ... (com três ou mais autores)

ROUANET, S.P. ...

Quando houver indicação explícita de responsabilidade pelo conjunto da obra em coletâneas de vários autores, a entrada deve ser feita pelo nome do responsável seguida pela abreviatura singular do mesmo (organizador, coordenador, editor, etc.) entre parênteses. *Exemplo:*

BARTUCCI, G. (Org.) *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, 408p.

Livro – sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do livro em *itálico*, ponto, edição (a partir da segunda: “2.ed”), cidade, dois pontos, editora, ano de publicação e número de páginas. Se for uma reedição, colocar o ano em que foi escrito logo depois do nome do autor. *Exemplo:*

CECARELLI, P. R. (Org.) *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 2000, 295 p.

FIGUEIREDO, L.C.M. & COELHO JUNIOR, N. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000, 237 p.

LACAN, J. (1959-1960) *O seminário livro 7, A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, 358 p.

RIBEIRO, M.F.R. *Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 200 p.

Capítulo de livro e ou coletâneas – sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do capítulo, ponto, In:, título do livro em *itálico*, ponto, cidade, editora, ano de publicação e página. Quando for coletânea logo após o “In:” colocar sobrenome e iniciais do organizador e “(Org)” logo após. *Exemplo:*

DUARTE, L.F.D. Sujeito, soberano, assujeitado: paradoxos da pessoa ocidental moderna. In: ÁRAN, M. (Org.) *Soberanias*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p.179-93.

MENEZES, L. S. A construção do vínculo social sob o ponto de vista freudiano: a lei, os ideais e as identificações. In: *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p.87-140.

Artigos de periódicos – sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do artigo, ponto, título do periódico em *itálico*, vírgula, cidade, volume, número, página e ano de publicação. *Exemplo:*

ROSA, M.D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. *Psicologia USP*, São Paulo, v.1, n.1, p.205-17, 1990.

Dissertações e Teses – sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título da Dissertação ou Tese em *itálico*, ponto, ano, ponto, número de folhas, identificação se é Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado, o nome da Instituição onde foi defendida e cidade. *Exemplo:*

LOFFREDO, A. M. *Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio “Inibição, sintoma e angústia”*. 1975. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, PUC, Rio de Janeiro.

Trabalhos publicados em eventos científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc.) publicados em anais ou como artigo – autor(es),

título do trabalho, In:, título do evento, numeração do evento, ano e local de realização, tipo de documento (Anais, Atas, resumo) editora, ano de publicação e página. *Exemplo:*

MARAZINA, I. A clínica em Instituições. In: *CONPSIC – II Congresso de Psicologia*,. 1991, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Oboré, 1992, p.25-43.

Trabalhos que não foram publicados – dependendo do tipo (*artigo de periódico, capítulo de livro, etc.*), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de “Texto não publicado”.

Trabalhos que estão em vias de publicação – dependendo do tipo (*artigo de periódico, capítulo de livro, etc.*), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de “no prelo”.

Resenhas – sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome, título do livro, ponto, cidade, dois pontos, editora e ano de publicação. Resenha de sobrenome em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome do autor da resenha, título da resenha (se houver), ponto, nome do periódico em *itálico*, volume, número, páginas e data de publicação da revista.

Referências de Freud – sobrenome do autor em caixa alta, seguido da inicial do prenome, título da edição utilizada em *itálico*, cidade, editora e ano de publicação da edição consultada. Abaixo, ano em que o artigo foi escrito, título e volume. *Exemplo:*

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1895). Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, v. 3.

(1896). Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, v. 3.

(1897). Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud, v. 3.

_____. *Gesammelte Werke Chronologisch Geordnet*. Frankfurt, S.Fischer Verlag, 1987.

(1917). *Die Verdrängung*, v. 10.

(1917). *Das Unbewusste*, v. 10.

Documentos extraídos de fontes eletrônicas – proceder da mesma maneira seja para livro, capítulo de livro e artigos de periódicos, entretanto, adicionar no final “recuperado em (data)”, seguido do endereço eletrônico. *Exemplo:*

PAIVA, G.J. (2000) Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, n. 11, v. 2. recuperado em 5 de fevereiro de 2006, da Scielo (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br>.

8. Imagens e ilustrações

Tabelas, gráficos, fotografias, figuras e desenhos devem ser referidos no texto em algarismos arábicos e vir anexos, em preto e branco, constando o respectivo título e número. Se alguma imagem enviada já tiver sido publicada, mencionar a fonte e a permissão para reprodução, quando necessário.

9. Direitos autorais

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem à revista *Boletim Formação em Psicanálise*. A reprodução dos trabalhos em outras publicações requer autorização por escrito da Comissão Editorial da Revista.

DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

O Departamento Formação em Psicanálise tem por finalidade desenvolver atividades de caráter formativo, científico, cultural e de pesquisa em psicanálise, de acordo com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae. Ele tem como fundamento prover a formação continuada de seus membros, constituindo-se como um espaço de pertinência para alunos, ex-alunos e professores, propiciando interlocução com o Instituto Sedes e com a comunidade psicanalítica em geral.

Oferece dois cursos regulares, abertos a psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária: *Formação em Psicanálise e Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica*.

Além desses cursos, o Departamento promove cursos breves, pesquisas, grupos de estudo, eventos científico-culturais, além de publicar a revista *Boletim Formação em Psicanálise* e o jornal *Acto Falho*. Participa também da Clínica Psicológica Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Sua organização é realizada através do trabalho de comissões, eleitas a cada dois anos entre seus membros. As comissões que compõem o Conselho Deliberativo do Departamento são: Coordenação, Curso, Clínica, Eventos, Divulgação, Publicação, Projetos e Pesquisa, e Alunos. Essas comissões têm funções específicas e o objetivo de refletir, discutir entre seus pares e implementar projetos que possam garantir que as propostas do Departamento sejam colocadas em execução.

1 Este curso foi credenciado no Conselho Federal de Psicologia em 31 de janeiro de 2003, para especialização em Psicologia Clínica, em conformidade com a Resolução CFP 007/01.

Curso Formação em Psicanálise¹

Corpo Docente: Armando Colognese Júnior, Cecília Noemi Morelli de Camargo, Durval Mazzei Nogueira Filho, Ede Oliveira Silva, Eliane Michelini Marraccini, Emir Tomazelli, Esio dos Reis Filho, Homero Vetorazzo Filho, José Carlos Garcia, Ligia Valdés Gomez, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Cristina Perdomo, Maria Helena Saleme, Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Maria Teresa Scandell Rocco, Nora Susmansky de Miguelez, Oscar Miguelez, Suzana Alves Viana, Vera Luíza Horta Warchavchik.

Objetivos: Curso de especialização, que tem como objetivo a formação de psicanalistas. Busca transmitir a Psicanálise em sua especificidade, com base nos três elementos essenciais da formação: análise pessoal, supervisão e estudo crítico da teoria psicanalítica a partir dos aportes das escolas francesa e inglesa. Visa desenvolver a escuta transferencial, considerando o sujeito em sua singularidade. Trabalha a clínica psicanalítica, desde a descrição clássica feita por Freud até as formas de sofrimento observadas na contemporaneidade.

Destinado a: Psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária, com experiência pessoal em análise individual e com percurso na teoria psicanalítica.

Conteúdo programático:

1. *Seminários teóricos:* Formações do inconsciente, O inconsciente, Pulsões, Narcisismo, As identificações, Neurose obsessiva e histeria, O Complexo de Édipo em Freud, Angústia, Superego e Édipo Kleinianos, Teoria das Posições e Inveja em M. Klein, Perversão e Psicose em Freud e em M. Klein;
2. *Seminários clínicos;*
3. *Supervisão individual* (no 4o ano);
4. *Monografia de conclusão de curso:* com orientação individual, a ser realizada após a finalização dos seminários teóricos e clínicos;

5. *Estágio opcional na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae*, sujeito à seleção e contando com supervisão específica;
6. *Formação continuada*: atividades extracurriculares e no Departamento;
7. *Acompanhamento clínico*: opcional para os alunos do 1o ano, no qual se trabalha em pequenos grupos a articulação da escuta clínica com os artigos sobre o método psicanalítico;
8. *Realização de análise pessoal*: obrigatória durante o curso.

Duração: O curso regular tem duração de quatro anos.

Carga horária do curso: 731 horas.

Horário/concentração: Quartas-feiras, com média de seis horas/aula semanais e mais uma hora e meia de atividades.

Seleção: Duas entrevistas individuais. Apresentação de *curriculum vitae* (contendo foto) em duas cópias e um breve texto, no qual justifique sua busca por esta formação (um para cada entrevistador).

Fundamentos da Psicanálise e sua prática clínica

Corpo docente: Antonio Geraldo de Abreu Filho, Berenice Neri Blanes, Celina Giacomelli, Maria Salette Abrão Nunes da Silva, Maria Tereza Viscarri Montserrat, Patrícia Leirner Argelazi.

Objetivos: O curso propõe trabalhar os conceitos que fundamentam a Psicanálise e que servem de alicerce à sua prática. Pretende, com isso, fornecer informação que preencha lacunas a quem já algo conheça e fundamentos a quem desconhece, estimulando o interesse na continuidade do estudo, permitindo que uma eventual formação sistemática no futuro se faça sobre uma base mais sólida.

Destinado a: Àqueles que se interessam pela Psicanálise e que pretendam uma iniciação ao seu estudo: médicos, psicólogos e profissionais com formação universitária em geral.

Conteúdo programático:

- 1) *Especificidade da Psicanálise*: Psiquismo e corpo, Terapias medicamentosas, Psicoterapias e Psicanálise;
- 2) *A Divisão do Sujeito*: Dois conceitos fundamentais: Inconsciente e Pulsão, Aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, o ponto de vista tópico, O Recalque: Desejo, conflito e defesa. Pontos de vista dinâmico e econômico, Discussão clínica;
- 3) *Formações do Inconsciente*: Atos falhos, sonhos e sintomas, Discussão clínica;
- 4) *Ponto de vista estrutural*: Complexo de Édipo / Identificações, Segunda Teoria Tópica;
- 5) *Neurose, Psicose e Perversão*: Neurose, Psicose, Perversão, Uma introdução à psicopatologia psicanalítica, Discussão de casos: um estudo comparativo,
- 6) *Questões da Clínica*: A situação analítica, Transferência e contratransferência, Resistência, A interpretação;
- 7) *O Analista*: Diferenças entre formação e informação.
- 8) *O tripé da formação analítica*: Análise do analista, supervisão e estudo da teoria.

Duração: um ano.

Carga horária do curso: 68 horas.

Observação: O segundo ano é opcional e será oferecido para aqueles que cursaram o primeiro ano, que tenham interesse na continuidade de seus estudos. Médicos e psicólogos, que optem por dar continuidade ao curso, poderão se candidatar à seleção de estágio na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

Mais informações:
Secretaria do **Instituto Sedes Sapientiae**
Rua Ministro Godói, 1484
05015-900 - Perdizes, São Paulo/SP
(11) 3866 2731, 3866 2732, 3866 2734
www.sedes.org.br e sedes@sedes.org.br

NESTA EDIÇÃO:

ARTIGOS

- O Eu é tudo o que se tem
José Carlos Garcia
- Algumas reflexões sobre a técnica lacaniana
Marina Fibe De Cicco
- A função das entrevistas preliminares na abordagem lacaniana
Flavia Schimith Escrivão
- No espelho com Lacan
Cristiana Catalano Soldano
- Sobre a distinção entre o eu e o sujeito do inconsciente em Lacan
Marta Quaglia Cerruti
- Sobre a psicose ordinária
Durval Mazzei Nogueira Filho

ENTREVISTA

- Entrevista com
Vladimir Pinheiro Safatle

RESENHAS

- A normopatia na formação do analista — MARIA HELENA SALEME
Marina Fibe De Cicco
- Complexo de Édipo: Novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens — NORA BEATRIZ SUSMANSCKY DE MIGUELEZ
Mônica Salgado Ferreira
- Contos do divã — SILVIA LOEB
Nora Beatriz Susmanscky de Miguez